



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS III
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**LÍVIA PRICILA XAVIER DE SOUZA
MARÍLIA APARECIDA EVANGELISTA DE CARVALHO**

**A importância do brincar livre (do pega-pega a boneca) para as meninas e
meninos da Casa Dom José Rodrigues: memórias em revista**

**Juazeiro-BA
2022**

**LÍVIA PRICILA XAVIER DE SOUZA
MARÍLIA APARECIDA EVANGELISTA DE CARVALHO**

A importância do brincar livre (do pega-pega a boneca) para as meninas e meninos da Casa Dom José Rodrigues: memórias em revista

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus III, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientador (a) Prof^ª Ms. Antoneide Santos Almeida Silva

**Juazeiro-BA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S729i Souza, Livia Pricila Xavier de

A importância do brincar livre (do pega-pega a boneca) para as meninas e meninos da Casa Dom José Rodrigues: memórias em revista / Livia Pricila Xavier de Souza; Marília Aparecida Evangelista de Carvalho. Juazeiro-BA, 2022. 59 fls.: il.

Orientador: Prof^a. Mrs. Antoneide Santos Almeida Silva.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Infância. 2. Brincadeiras livres. 3. Pandemia. 4. Casa Dom José Rodrigues. I. Silva, Antoneide Santos Almeida. II. Carvalho, Marília Aparecida Evangelista de. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 372.241



Universidade do Estado da Bahia

Licenciatura em Pedagogia

LÍVIA PRICILA XAVIER DE SOUZA
MARÍLIA APARECIDA EVANGELISTA DE CARVALHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de título de Pedagoga no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Juazeiro BA.

Orientadora: Prof^ª Ma. Antoneide Santos Almeida Silva

Aprovado em 22/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Antoneide Santos Almeida Silva

Prof.^a Ma. Antoneide Santos Almeida Silva – DCH III/UNEB – Orientadora

Josenilton Nunes Vieira

Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira- DCH III/ UNEB-FACAPE- Avaliador

Claudia Maisa Antunes Lins

Prof.^a Dra. Claudia Maisa Antunes Lins - DCH III/UNEB – Avaliadora

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, por toda a base e sustentação que nos deu para prosseguirmos nas adversidades que a vida nos trouxe.

A nossa família, que é o eixo fundamental e responsável por boa parte de tudo que conseguimos conquistar até aqui, sem vocês nada disso seria possível.

E aos amigos, que tenham trilhado esse caminho de forma direta ou indiretamente, a nossa eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Lívia Pricila Xavier de Souza

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado nos momentos difíceis, durante essa jornada de 5 anos.

Em especial a meu esposo Isreal e minha filha Nicole por ter tido paciência nos momentos de ausência, porque compreenderam a importância desse trabalho para minha formação.

A minha mãe, Maria Dalva, que por mais que esteja longe, esse momento de conquista sei o quanto torce por mim.

Em especial a minha orientadora, professora Antoneide Santos Almeida Silva por toda paciência, sabedoria e ajuda nessa caminhada, acreditando na nossa pesquisa. A nossa eterna gratidão!

A minha parceira “Marilinha” que sempre esteve junto comigo, compartilhando experiências, em toda graduação, e que travou momentos árduos durante o curso.

Agradeço também ao grupo de estudo EDUCERE, que me ensinou os caminhos da pesquisa, ao professor Edmerson e a professora Edilane por ter me permitido fazer parte desse grupo tão importante para minha formação.

Em especial agradeço a minha panelinha (amigos que a UNEB me presenteou): Marília, Noesio, Hanna, Jackeline e Rebeca, por nunca terem largado minha mão, e sempre estiveram junto comigo nos momentos difíceis.

Agradeço também, a toda equipe da Casa Dom José Rodrigues que nos acolheu com muito carinho, as crianças em especial, que sem elas não seria possível essa pesquisa.

Sem mais delongas, a todos os professores do curso de Pedagogia que me ensinaram com excelência o verdadeiro significado da palavra docência.

Marília Aparecida Evangelista de Carvalho

Como em tão poucas palavras aqui expressas, conseguir agradecer por todas as bênçãos conquistadas no decorrer desses cinco anos? Na verdade nem eu sei como farei, mas uma coisa lhes garanto, vos escrevo com lágrimas nos olhos e com o coração transbordando de felicidade.

Deus, só o Senhor e eu sabemos por tudo que passei para chegar até aqui, por todos os riscos e perigos que passei trilhando quilômetros de estrada incontáveis em todos esses anos, na garra, na fé, em busca de algo que eu nunca em meus sonhos mais lindos, achei que fosse conseguir quando mais nova.

Mãe, o que eu seria sem a senhora? Por todos os não que já recebi, você foi a única que acreditou em mim, que me disse sim e nunca me deixou desistir. Por todos os apertos e folgas, me ensina a cada dia a importância de ser íntegra e fiel ao que acredito nessa vida, eu te amo!

Minhas amigas de longos vinte anos, Ana Ferreira e Samarina Sena, vocês foram umas das melhores coisas que aconteceram na minha vida. Palavras nunca serão capazes de descrever o quanto eu agradeço a Deus pela bênção de suas vidas. No choro, no riso, na amizade e na irmandade, para sempre nós, gratidão!

Minha família, aqueles que por mais distantes, acreditaram em mim, confiaram e me disseram que eu era capaz, obrigada.

Professores, para além de ser pedagoga, vocês me ensinaram a ser humana. Hoje eu reconheço através de todo o conhecimento adquirido até aqui, o quanto foram importantes nesse processo de formação.

Minha orientadora, Antoneide Santos Almeida Silva, você foi peça fundamental em toda essa construção, gratidão por todos os ensinamentos, puxões de orelha, e por nos possibilitar realizar esse sonho.

Minha amiga e parceira de estudos, que topou esse grande desafio ao meu lado, Livia (Bichona), sem você nada disso seria possível, como sou feliz por tê-la ao meu lado nesse caminho árduo, porém enriquecedor, hoje tenho a certeza que nada disso é por acaso e que nossa amizade e parceria são uma das melhores.

Minha “panelinha”, Livia Pricila, Hanna Karoliny, Jackeline Maciel, Rebeca Reis e Noésio Santos. Parece ter sido ontem a primeira vez que sentamos nos

banquinhos da UNEB, e ali começamos a tecer nossa amizade. Todos os trabalhos, fossem em duplas, trios, ou em seis, não importava, os olhares por si só já se trocavam e ali não tinha quem separasse (risos), obrigada por todos os momentos de diversão, aprendizado, tenho certeza que a nossa união nos possibilitou crescermos pessoalmente e profissionalmente juntos, amo vocês!

Por último e não menos importante a equipe e as crianças maravilhosas da Casa Dom José Rodrigues, meu carinho e apreço por todos vocês foi se nutrindo a cada dia e experiência vivida nesse espaço tão acolhedor e amoroso. A vocês, a minha eterna gratidão!

RESUMO

O atual momento da história evidencia o quão é importante o convívio social, principalmente o contexto das brincadeiras livres para as crianças. Entretanto, o distanciamento social devido à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, doença que se manifesta por meio da COVID-19, que teve início no ano de 2019 e que ainda permanece até o presente momento em 2022, impedindo que a realização de muitas brincadeiras livres nas ruas, nas escolas, nos clubes e em outros espaços sociais, em especial nos espaços socioeducativos. Diante deste cenário, o presente memorial, traz a problematização sobre a importância do brincar livre para as meninas e meninos da Casa Dom José Rodrigues e, como esta se faz constante na linguagem no cotidiano da infância. A partir dessa compreensão, a problemática deste memorial se debruçou a entender como ficaram as brincadeiras antes, durante e após a flexibilização da pandemia. Para tal, nos debruçamos na literatura de Ariès (1986), Maturana- Zöler (2004), Kishimoto (2009), (2017), Fortuna (2004), entre outros pesquisadores desta temática. Como percurso metodológico, de cunho qualitativo, optamos pelo estudo de caso, por meio da escuta sensível, na perspectiva fenomenológica. Os resultados desta pesquisa estão presentes na produção de um produto pedagógico, desenhado no formato de uma revista de brincadeiras, construída a partir das escritas e das narrativas das meninas e meninos acerca das suas brincadeiras livres preferidas. As vozes das crianças revelam que as brincadeiras livres, independente do contexto social em que se encontram, ainda são presentes em suas infâncias.

Palavras-Chave: Infância. Brincadeira Livre. Pandemia.

ABSTRACT

The current moment in history shows how important social interaction is, especially in the context of free play for children. However, social distancing due to the pandemic caused by the SARS-CoV-2 virus, a disease that manifests itself through COVID-19, which started in 2019 and which remains until the present moment in 2022, preventing the realization of many free games in the streets, schools, clubs and other social spaces, especially in socio-educational spaces. Because of this scenario, the present memorial brings the problematization about the importance of free play for the children/young people of Casa Dom José Rodrigues, as if it is constant in the language in the daily life of childhood. From this understanding, the problem of this memorial focused on understanding how the games were before, during, and after the easing of the pandemic. To this end, we focus on the literature of Ariès (1986), Maturana-Zöler (2004), Kishimoto (2009), (2017), and Fortuna (2004), among other researchers on this topic. As a methodological approach, of a qualitative nature, we opted for the case study, through sensitive listening, from the phenomenological perspective. The results of this research are present in the production of a pedagogical product, designed in the format of a play magazine, built from the writing and narrative of children/young people about their favorite free games. The children's voices reveal that the games, regardless of the social context in which they find themselves, are still present in their childhoods.

Keywords: Childhood. Free play. Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Casa que acolhe, Casa Dom José Rodrigues.....	21
Figura 2. Rosa do Deserto	24
Figura 3. Brincadeira de "Baleô no Meio"	27
Figura 4. Ornamentação da sala	28
Figura 5. Material para os desenhos	28
Figura 6. Criança desenhando	28
Figura 7. Desenho da brincadeira “panelinha”	28
Figura 8. Criança usando alfabeto móvel para descrever a brincadeira	29
Figura 9. Desenho da brincadeira “aniversário”	30
Figura 10. Capa da Revista de Brincadeiras.....	35
Figura 11. Brincadeira "esconde, esconde".....	35
Figura 12. A Casa Dom José Rodrigues.....	35
Figura 13. Agradecimentos	35

SUMÁRIO

1. COMO NOS TORNAMOS PEDAGOGAS... UM POUCO DAS NOSSAS MEMÓRIAS	12
1.2 As brincadeiras em revista: tinha a covid no início do caminho.....	14
2. O NOSSO JEITO DE CAMINHAR	17
2.1 A casa de acolhimento: um pouco do lugar das nossas brincadeiras	21
3. REVELAÇÕES QUE SURGIRAM NO CAMINHO	23
3.1 A escuta sensível, uma rota possível	23
3.2 Nos desenhos, as memórias registradas.....	27
4.0 A REVISTA DE BRINCADEIRAS: UM REGISTRO DAS MEMÓRIAS	31
4.1 As brincadeiras em revista: um pequeno relato do processo de criação.....	33
5.0 O BRINCAR NA INFÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS	36
5.1 As infâncias e as brincadeiras: memórias teóricas	36
5.2 Em momento de pandemia, brincadeiras e jogos a qualquer hora... A família pode participar?	39
5.3 Brincadeira de criança, como é bom, como é bom...	45
5. CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE FINDAM E FICAM NAS MEMÓRIAS	50
6. NAS REFERÊNCIAS, NOSSAS FONTES DE BUSCAS TEÓRICAS	52
7. ANEXOS	56

1. COMO NOS TORNAMOS PEDAGOGAS... UM POUCO DAS NOSSAS MEMÓRIAS

O caminho que nos trouxe até aqui, nos faz lembrar (em sentido amplo), momentos de conquistas, preocupações, desafios enfim, memórias que há exatos cinco anos nos desafiaram como estudantes e agora concluintes do curso de Pedagogia. A pedagogia chega em nossas vidas a princípio um pouco tímida, mostrando a teoria apenas em sala de aula, em momentos de debates, em seminários, em discussões coletivas. Dentro desse cenário, logo percebemos que ela precisava chegar de mansinho para aos poucos nos mostrar as diversas possibilidades que um pedagogo pode exercer dentro da sociedade.

Logo, os primeiros períodos foram nos desvendando desafios, afinal, para nós era tudo muito novo, o cenário acadêmico era bem diferente do Ensino Médio. Ao passar do tempo fomos nos identificando ao curso, e buscando nos encontrar enquanto futuras profissionais da educação. No quarto período em diante, já fazíamos parte de grupos de pesquisa, participávamos de curso de extensão, mini cursos, sempre voltados na temática das brincadeiras, fosse nos muros da universidade, em hospitais, em entidades filantrópicas, o “carrapicho” da brincadeira não largou mais o nosso pé, porque ali vimos que essa temática ia nos render lindos frutos. No decorrer do curso, chegamos ao Estágio Supervisionado I, em que fomos estagiar na Brinquedoteca universitária¹, no próprio campus da universidade². Esse primeiro estágio nos permitiu conhecer a importância de ter uma brinquedoteca dentro do campus, para desenvolver atividades lúdicas. Na experiência entrevistamos a senhora Raimunda que nos falou como funcionava a brinquedoteca, nos mostrou os espaços, como são divididos, e sua importância para a comunidade acadêmica. Subsequente entrevistamos também a professora Antoneide Santos Almeida Silva, para saber como foi pensada a criação da brinquedoteca, e nos deu fortes subsídios para a construção do nosso relatório.

Desse período em diante, já estávamos certas sobre o que queríamos defender, e os últimos semestres foram os que mais nos envolvemos na temática da ludicidade; finalizando esse percurso acadêmico, o Estágio Supervisionado IV, nos mostrou mais uma vez o quanto a pedagogia se apropria tanto de espaços formais, quanto de espaços não escolar de ensino

¹ Brinquedoteca- a mesma teve seu nome modificado para Brinquedoteca Manoel de Barros

² Universidade do Estado da Bahia- UNEB- Departamento de Ciências Humanas-DCH III/Juazeiro-Bahia

para escrever uma história. E foi através dela que escrevemos esse memorial, juntamos a teoria e a prática para dialogar com a escolha mais certa das nossas vidas, a Pedagogia, que nos move para momentos encantadores.

Dentro desse contexto, a escolha do lugar para a construção da revista de brincadeiras foi a Casa Dom José Rodrigues, que acolhe meninas e meninos em estado de vulnerabilidade social. Estar naquele espaço nos fez enxergar um caminho de possibilidades, pois pensamos em dar visibilidade aqueles meninos e meninas de alguma forma, e a partir disso, pensamos que nosso produto pedagógico fosse uma revista de brincadeiras, para contar através desta, como foi o brincar livre daqueles meninos e meninas. Assim, pensamos em dar protagonismo às mesmas, pois como já sabemos, a pandemia veio modificar as formas do brincar, e estávamos curiosas em entender a relação das brincadeiras, antes, durante e após a flexibilização da pandemia. O desenvolvimento da revista foi uma criação linda, e que possibilitou adentrar no mundo brincante das crianças, que nos receberam de forma contagiante.

Para tal, nossas memórias construídas ao longo desse memorial, nos faz revisitar o passado de maneira muito significativa, em busca de respostas ao presente. Quando nos debruçamos para escrevê-lo, pensamos em como trazer de forma leve, como a pedagogia entrou em nossas vidas, em específico, as brincadeiras. O futuro? Há esse é fácil de responder, ele nos aguarda de braços abertos, porque aqui deixamos nossa eterna gratidão ao passado quando escolhemos trilhar o caminho da educação, em especial adentrar no mundo das brincadeiras, e sem dúvidas nenhuma, somos gratas a todos aqueles que de forma direta ou indireta nunca nos deixaram desistir de construir nossa própria história.

Apresentamos então uma memória que traz nas suas linhas, uma vivência de duas estudantes e futuras pedagogas. Memória que está compilada em várias vozes, porque não se fala de pedagogia no singular, muito menos em uma nota só, falamos nesse memorial através das crianças, as principais protagonistas dessa escrita e da construção da revista, a quem devemos a nossa gratidão.

1.2 As brincadeiras em revista: tinha a covid³ no início do caminho

A motivação do tema de escrita deste memorial parte das nossas vivências acadêmicas, nos cursos de extensão ofertados pelo Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse contexto, os estudos sobre a infância e suas particularidades foram nos despertando interesses, junto com as teorias dentro da sala de aula, assim, considerando ainda mais a necessidade de nos aprofundarmos sobre a temática da infância e a importância do brincar no contexto da vida das crianças. Logo, se faz necessário continuar dando visibilidade a um tema tão pertinente de discussão para a educação, como as concepções construídas historicamente sobre a infância e as brincadeiras, sobretudo, compreender como as brincadeiras livres ocorrem no cotidiano infantil.

Desse modo, aqui se desenvolve um estudo que traz informações sobre as brincadeiras livres preferidas das crianças, levando em consideração o atual momento da história a qual estamos passando. Percebemos que o contexto social das brincadeiras livres desenvolvidas pelos infantes sofreu mudanças após a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, doença que se manifesta através da COVID-19.

Nesse sentido, nossos questionamentos partiram da proposição de que o simples ato de sair na rua e ir a parquinhos e praças para brincar e socializar com os amigos, não se tornou mais totalmente possível, devido à pandemia sobredita. A partir de então surgiu à questão norteadora para este estudo, que buscou identificar quais brincadeiras as crianças mais gostavam de praticar antes, durante e nesse período de flexibilização da pandemia?

Para responder essas questões, construímos nossa proposta de pesquisa a partir da junção dos conhecimentos trabalhados nos componentes curriculares de Estágio Supervisionado IV, e Trabalho de Conclusão de Curso I e II. Através da experiência do TCC I, elaboramos o projeto e buscamos responder à questão problema, no TCC II tivemos a vivência da pesquisa juntamente com o componente curricular de Estágio Supervisionado IV. Experiência que vamos referenciar de agora em diante, a qual foi realizada em um espaço

³ Covid 19 teve início na cidade de Wuhan na China, em 08 de dezembro de 2019, e se estendendo até os dias atuais. Essa doença por um grande período de tempo inviabilizou o funcionamento de muitos locais de ensino, sejam estes formais ou não formais, pela ausência de uma vacina que contivesse o vírus. Somente após alguns meses de estudo e pesquisa, pelos grandes cientistas do Brasil e do mundo, é que a criação de uma vacina contra o vírus SARS-CoV-2 foi concretizada, e como uma luz no final do túnel, trouxe esperança e dias melhores para a população mundial.

não escolar de ensino, a Casa Dom José Rodrigues, que fica localizada no Município de Juazeiro/BA, especificamente no Bairro Piranga. Nesse local, são desenvolvidas ações educativas, desde o reforço escolar até aulas de ballet, atende atualmente uma média de 150 meninas e meninos, entre 06 e 15 anos de idade.

A Casa Dom José Rodrigues passou por um breve período de reformas no ano de 2018, para poder atender a esse público infanto-juvenil. Assim, o projeto é bem recente, ainda pouco conhecido, mas que tem uma importância muito grande para as comunidades circunvizinhas que têm suas meninas e meninos assistidos. No atual momento, o espaço iniciou as atividades educativas, considerando as medidas de segurança a saúde como o uso de máscaras, por exemplo, já que ainda estamos passando por um período de pandemia.

A partir do avanço da vacinação em massa da população mundial, surgiram então novas oportunidades de uma retomada das rotinas em convívio social e físico, que antes foram ceifadas devido ao afastamento populacional causado pela pandemia supracitada, e, conseqüentemente, para além das relações dos sujeitos em sociedade, também a esperança das crianças finalmente poderem voltar as suas rotinas de brincadeiras livres. Caminhar por esses solos nos permitiu refletir como o distanciamento físico social, causado pela pandemia da COVID 19, afetou, ou não, as rotinas brincantes dos infantes.

Importante informar que a fundamentação teórica da nossa investigação parte dos estudos bibliográficos sobre a temática das brincadeiras, especialmente as livres, traz a importância da família nesse processo brincante da infância das crianças, como também temas voltados sobre o brincar na pandemia, apesar de inicialmente ser pouco discutido. Para a construção deste memorial, desenvolveu-se uma pesquisa de campo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa exploratória, que foi desenvolvida no campo educacional, em espaço não formal, no qual foram coletados os dados sobre como ocorreram os processos das brincadeiras durante a pandemia.

Nessa direção, realizamos uma investigação das subjetividades dos sujeitos envolvidos, para tanto, partimos dos princípios fenomenológicos em busca de entender o fenômeno das brincadeiras livres trazidas nos desenhos e narrativas das crianças. Utilizamos no percurso metodológico o estudo de caso, ouvindo a voz dos sujeitos, ou seja, coletamos as falas das crianças, em busca de compreender como as brincadeiras foram utilizadas por elas, considerando o cotidiano e seu contexto de vivência. Para isso, nossos sujeitos de

pesquisa foram meninas e meninos de 6 a 15 anos, sendo estes divididos em dois grupos focais, o primeiro grupo de 6 a 9 anos, e o segundo de 10 a 15 anos. Substantivo destacar que o nosso papel enquanto educadoras foi mediar o processo de escrita e desenho das crianças.

A partir das reflexões e estudos desenvolvidos com os sujeitos da pesquisa, uma revista de brincadeiras foi concebida, contendo em suas páginas desenhos e escritas das brincadeiras favoritas de cada menina e menino atendida no espaço não escolar de ensino, a Casa Dom José Rodrigues, espaço de acolhimento crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade social.

A produção da revista visou possibilitar o protagonismo infantil dentro da pesquisa, que foi algo muito valioso e importante, tanto para nós educadores (as), quanto para as crianças, comunidade acadêmica e familiar, enfim, a todos aqueles que se interessam em saber o valor do brincar na infância. Espera-se que a revista de brincadeiras oportunize a todos nós uma visão mais rica e detalhista de como as crianças entendem cada etapa do brincar, na significância das ações, pensamentos, estratégias, enfim, de todo o processo do passo a passo ao desenrolar concreto da brincadeira.

Assim, este memorial traz uma investigação e se encontra organizada na seguinte ordem: inicialmente foi trazido um estudo de cunho bibliográfico, realizado sobre a temática referida, para compreendermos como o brincar é peça fundamental na infância das crianças, e como este pode ter sido afetado, ou não, durante o processo de pandemia pela COVID – 19; em seguida traz a experiência presencial do Estágio Supervisionado IV, na Casa Dom José Rodrigues, identificando o local e conhecendo as crianças que ali estão presentes, realizando momentos de brincadeiras, conversas e oficinas de desenho e escrita; por último, a construção e edição da Revista de Brincadeiras que foi produzida a partir dos desenhos e escritas das crianças.

Acreditamos que a pesquisa exposta neste memorial, permitirá a contemplação da temática daqueles que se interessem pelo assunto minimizando as lacunas referentes ao tema até o momento. O estudo segue o pensamento de pesquisadores da área que abraçam a linha de defesa sobre o ato de brincar como essencial na vivência da infância, especialmente o brincar livre, defendido com “unhas e dentes” pelos estudiosos, como também pelos demais

sujeitos que reconhecem as brincadeiras como relevantes no processo da infância. Vejamos a seguir como caminhamos para construção da nossa revista.

2. O NOSSO JEITO DE CAMINHAR

As flores são como as crianças. Fazemos de tudo para que cresçam lindas, perfeitas e cheias de vida. Onde há amor, elas florescem. Onde há o toque suave, elas não desmancham. Onde há o cuidado, a cor é vibrante. Entender a necessidade de cada uma também é uma tarefa importante. Algumas precisam de mais sol, outras mais sombra. O vento pode desmanchar algumas, mas pode levar sementes boas para outros solos. A vida de uma flor depende de quem cuida. A vida de uma criança também. As flores, as crianças, a vida, o amor. Para quem acredita no simples, saberá a importância do cuidar.

(Alê Maria Borboleta. ONLINE, S/P.)

Em todo estudo, faz-se necessário determinar o percurso, isto é, as formas a serem trilhadas e, para a produção da nossa revista, não foi diferente. O caminho metodológico para a produção do produto pedagógico, ou seja, da Revista de Brincadeiras, precisou ser organizado em um formato diferenciado. Isso porque precisamos desenvolver, simultaneamente, os conhecimentos produzidos no componente curricular relativo à produção do trabalho de Conclusão de Curso- TCC e o Estágio Supervisionado IV. Assim, a construção desse produto pedagógico proporcionou a interligação de dois momentos relevantes de aprendizados. As duas vivências se tornam fundamentais para a realização da pesquisa, pois estabeleceram elos de ligação entre teoria e prática, unindo os territórios de saberes. Para Reis e Silva (2015, p.91):

A relação entre teoria e prática é importante para que haja transformações no âmbito social, ou seja, as duas se complementam e contribuem para que a transformação no mundo real, no sentido de que, é indispensável o desenvolvimento de ações que venham a trazer efetivas e concretas contribuições.

Dessa forma, a união desses componentes curriculares nos permitiu estabelecer essa relação de teoria e prática no contexto das brincadeiras, tornando a pesquisa mais interessante, no que diz respeito aos discursos trazidos até aqui, por trazer uma dinâmica de pesquisa por dentro do estágio. Ademais, após estabelecermos uma problemática e escolher o lócus da pesquisa, ações foram pensadas para serem desenvolvidas em duas semanas,

dentro da disciplina de Estágio, que aconteceram presencialmente na Casa Dom José Rodrigues, no bairro Piranga.

As ideias centrais para pesquisa circundaram a compreensão sobre a brincadeira livre no cotidiano infantil, considerando o momento pandêmico, procurando saber como as crianças brincavam antes, durante e após a flexibilização da pandemia, para ter como resultado a produção de uma revista de brincadeiras. Para tanto, foi escolhido o caminho metodológico de cunho qualitativo, pois como nos orienta Gasque (2007), a mesma permite que as diversas abordagens teóricas, possibilitem resultados de diferentes linhas de desenvolvimento, considerando assim a subjetividade dos pesquisadores, e os sujeitos estudados dentro da pesquisa, e estes são partes integrantes do processo investigativo, dessa forma, optamos pelo estudo de caso por nos reportarmos uma realidade pontual, num lócus específico: a Casa Dom Jose Rodrigues. Essa escolha nos ajudou a fazer um recorte importante na realidade, para isso nos amparamos nas ideias de Toledo e Shiaishi (2009, p.107), quando diz que o “estudo de caso permite o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistêmica e precisa”.

Desse modo, dividimos o processo de coleta das falas e desenhos para produção da revista em duas semanas, sendo a primeira semana para conhecimento do lócus (seu funcionamento, estrutura organizacional) e para escuta sensível das crianças, que se referiu a três questões: do que brincavam antes da pandemia; do que brincaram durante a pandemia e do que gostam de brincar neste momento de flexibilização da pandemia. Já na segunda semana, as ações foram voltadas para a produção dos desenhos e narrativas, para compor a revista de brincadeiras. A primeira semana aconteceu entre os dias 09 e 12 de maio, de 2022, no turno vespertino, das 14h00min às 16h00min, e a segunda, no período de 07 a 09 de junho, no mesmos turnos e horários.

O processo de construção da Revista de Brincadeiras considerou aspectos importantes como:

1. Ter as crianças como protagonistas;
2. A escuta sensível como meio para captar as brincadeiras e suas representações pelo desenho;

3. Estímulo à produção plástica, a partir da construção do desenho que representasse a brincadeira;

4. Estímulo à oralidade dos sujeitos pesquisados, para adentrarmos na sua cultura lúdica.

Os aspectos aqui elencados foram escolhidos por nos possibilitarem compreender a construção das brincadeiras desses sujeitos. A escuta sensível é um dos instrumentos primordiais dentro da pesquisa, pois segundo Nunes (BARBIER, 2007, p.94 Apud NUNES, 2009, p.1 - 2):

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (“ou a existencialidade interna” na minha linguagem).

Em outras palavras, Cancherini (2010, p.174) destaca que:

Aprendemos a ouvir as crianças e os jovens afirmando que não devemos conhecê-los apenas enquanto grupo sociais distintos, mas que devemos escutá-los no sentido de podermos enfrentar juntos os variados problemas sociais que se colocam atualmente.

Esse caminho nos direcionou para uma perspectiva fenomenológica, por nos colocar em contato direto com as vivências lúdicas desses meninos e meninas, que segundo Bicudo:

A fenomenologia, portanto, é um pensar a realidade de modo rigoroso. O que a caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual age para perseguir essa meta. Falar em “modo pelo qual” pode pôr em destaque os procedimentos, porém, são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, *a priori*, categorias, intersubjetividade (BICUDO, 1994, p.17).

Dessa forma, com essa escolha organizamos grupos de crianças para os processos de escuta, que partiram de entrevista semiestruturada, compostas por três tópicos: Do que você brincava antes da pandemia?; Do que você brincou durante a pandemia?; E, do que você gosta de brincar agora, que a pandemia amenizou?. De posse dessas indagações as crianças iam falando e nós registrávamos em anotações e gravações pelo celular. Essa estrutura de coleta/escuta da entrevista semiestruturada, nos possibilitou captar o universo brincante das crianças. Isso porque a entrevista semiestruturada, segundo Manzini (2004), é feita de forma livre, com perguntas básicas, esse tipo de entrevista possibilita o pesquisador

coletar informações abertas, sem a padronização de alternativas. Assim, quando captamos o universo dos sujeitos trazemos a tona discussões que nos possibilita compreender um fenômeno.

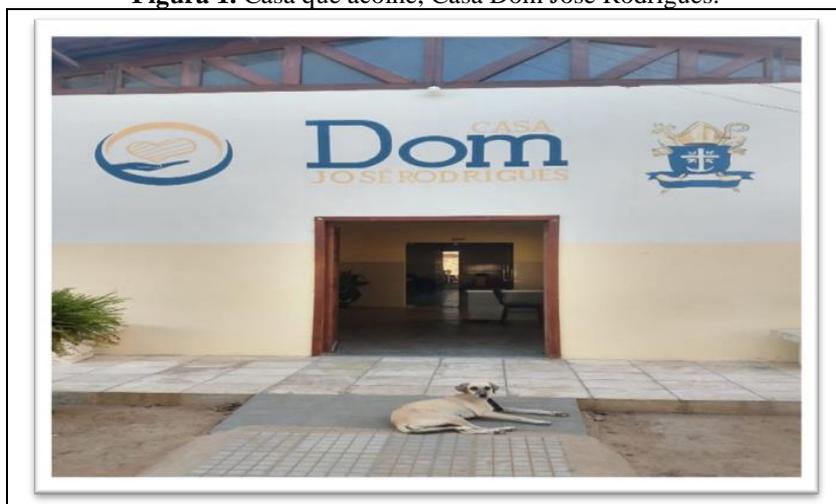
Inicialmente indicamos escuta com um único grupo de sujeitos. O grupo era composto por meninas e meninos entre 10 e 14 anos, e como a maioria dos discursos estavam voltados para brincadeiras bem repetitivas, como o futebol, por exemplo, então surgiu a inquietação: como levarmos para nossa revista, uma maior diversidade de brincadeiras e jogos, sem tantas repetições? . A partir disso, estabelecemos então a necessidade de trabalharmos com grupo focal, assim teríamos uma maior possibilidade de analisar crianças maiores e menores nesse processo de pesquisa, obtendo mais variantes de jogos e brincadeiras para a composição da revista. De acordo com Dias (JOHNSON, 1994, p.04 apud DIAS, 2000, p.4) o grupo focal:

Os usuários dessa técnica partem do pressuposto de que a energia gerada pelo grupo resulta em maior diversidade e profundidade de respostas, isto é, o esforço combinado do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais. Resumindo, a sinergia entre os participantes leva a resultados que ultrapassam a soma das partes individuais.

Essa mudança de rota nos fez entender que trabalhar com crianças é compreender que mesmo após qualquer planejamento realizado pelos pesquisadores, tudo pode ser modificado, pois trata-se de estar inserido em um espaço em que diversos acontecimentos possam vir a surgir, fugindo do que estava premeditado. Assim como traz a autora Alê Maria Borboleta, as crianças são cheias de vida e, dessa forma, podem mudar o percurso de toda ação proposta. Refizemos o percurso e passamos a indicar grupos focais dividindo-os por idade.

2.1 A casa de acolhimento: um pouco do lugar das nossas brincadeiras

Figura 1. Casa que acolhe, Casa Dom José Rodrigues.



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

A associação beneficente Casa Dom José Rodrigues, fica localizada no Município de Juazeiro-Ba, na travessa Comissão do Vale, 218, bairro Piranga, e acolhe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Esse espaço não escolar, antes de se tornar um local de apoio a meninas e meninos, tinha por nome Centro Dom José Rodrigues, que acolhia pessoas com tuberculose, tanto moradores da cidade de Juazeiro/BA, quanto da região, para auxiliar no tratamento da saúde desses sujeitos.

Após esse período de suporte aos doentes, o espaço então foi visitado pelo Bispo Dom Beto em 2016, que por meio do trabalho da igreja católica, analisou as comunidades circunvizinhas e percebeu que aquela região, mais marginalizada da cidade, tinha muitas meninas e meninos em estado de vulnerabilidade social, dessa forma, enxergou a possibilidade de transformar a casa, em um ambiente que acolhesse a população infanto-juvenil local. Então, o espaço foi reformado, uma pesquisa detalhada na comunidade foi realizada com o objetivo de conhecer a fundo as realidades ali presentes, para então as atividades serem iniciadas. Atualmente, o espaço contempla oito bairros, sendo estes Piranga I e II, Nova Esperança, Argemiro, Codevasf, Malhada da Areia, Nossa Senhora das Grotas e Jardim Flórida, e atende cerca de 150 crianças, nos turnos matutino e vespertino, de segunda-feira à quinta-feira.

A Casa Dom José Rodrigues estabelece o pré-requisito da matrícula escolar, ou seja, para as meninas e meninos poderem participar das atividades e ações do espaço precisam frequentar regularmente os espaços formais de ensino, por isso a oferta em dois turnos, sendo que às crianças que estudam pela manhã frequentam a casa à tarde, e as que estudam a tarde participam das atividades no período da manhã.

O trabalho é realizado por algumas irmãs religiosas, que são educadoras, como também por demais profissionais da educação, que doam o seu tempo e formação para irem até o espaço prestar serviços às meninas e meninos ali presentes, sendo um trabalho social voluntário. Atividades como reforço escolar, capoeira, ballet, música e brincadeiras são voltadas para as crianças, como também oficina de corte e costura para as mães são oferecidas no espaço.

Essa instituição nos viabilizou experiências para além dos muros da universidade, este espaço contribuiu com nossas inquietações sobre o tema referido, mostrando que as possibilidades de trabalhar de maneira criativa e coletiva são possíveis e trazem resultados importantes. Portanto, pode-se afirmar que os processos educativos encontrados no lócus da nossa pesquisa, é de extrema importância, assim como a educação formal também é. A primeira contempla a segunda, e apesar de, por vezes, ser compreendida erroneamente, a educação não formal também tem intencionalidades nos seus processos de aprendizagem, diferenciando-se pela ausência de um currículo esquematizado, já que considera o contexto e realidades locais, para assim realizar suas atividades de acordo com o meio e as necessidades em que está inserida.

E é justamente esse papel que a Casa Dom José Rodrigues contempla, pois antes de se tornar um espaço não escolar de ensino, buscou observar o seu entorno, as carências da comunidade, os desafios que cada família enfrentava no seu dia a dia, para a partir de um olhar crítico, poderem planejar ações que de fato contribuíssem no desenvolvimento formativo dos sujeitos que por ali passam.

3. REVELAÇÕES QUE SURGIRAM NO CAMINHO

3.1 A escuta sensível, uma rota possível

No desenvolvimento do processo para construção dos dados, o caminho que trilhamos foi feito em dois momentos. Primeiramente, pela escuta sensível e depois por meio da realização da oficina de desenho para composição da revista. O primeiro momento foi destinado em especial para conhecermos o local em que desenvolveríamos nossa pesquisa. Visitamos todas as salas e ambientes do local, desde a coordenação, salas de aula e reforço, auditório, estúdio de ballet, áreas verdes externas, biblioteca, laboratório de informática, enfim, todos os espaços ali contidos na casa. Após isso, foi realizada uma entrevista com a então atual diretora presidente da Casa Dom José Rodrigues, a religiosa Edjane Carneiro, por meio de um roteiro de caracterização, em anexo (1) sobre o espaço. Além das anotações realizadas por nós, uma gravação através do celular da fala da religiosa foi feita, para o acompanhamento em mais detalhes da descrição do percurso de transformações que a casa passou até os dias atuais.

Em um tempo posterior, ocorreu o segundo momento. Tivemos o privilégio de conhecer e ouvir os meninos e meninas da Casa Dom José Rodrigues. Iniciamos o primeiro contato com elas, realizando a dinâmica “Teia de Aranha⁴”. Essa dinâmica teve como objetivo interagir com as crianças, para de forma breve, conhecê-los e saber do que mais gostam de brincar antes, durante e no período de flexibilização da pandemia. As brincadeiras mais citadas pelos meninos foi o futebol, e pelas meninas o vôlei e o baleou. Esse primeiro contato promoveu uma abertura inicial de relações entre nós e às crianças ali presentes.

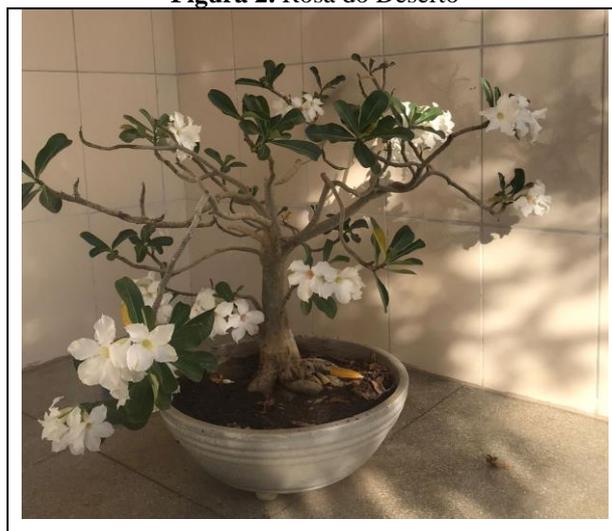
Dentro desse contexto, a estratégia exploratória utilizada foi fundamental para identificar através dos questionamentos, quais as brincadeiras vivenciadas por elas e quais destas são as favoritas de cada criança, pois a pesquisa exploratória, segundo Piovesan e Temporini (1995, p. 319), é “uma das características da pesquisa exploratória, tal como é geralmente concebida, refere-se à especificidade das perguntas, o que é feito desde o começo da pesquisa, como única maneira de abordagem”.

⁴ A dinâmica teia de aranha é ideal para iniciar apresentação de pessoas de um determinado grupo. <https://www.ibccoaching.com.br/portal/entenda-o-funcionamento-da-dinamica-da-teia-e-como-aplica-la/>

Desse modo, esse percurso metodológico nos permitiu obter respostas as nossas indagações, e assim compreendemos através das narrativas das crianças, como as brincadeiras fizeram parte de suas rotinas durante todo esse processo de distanciamento físico social, causado pela pandemia do Coronavírus.

Já no terceiro momento, organizamos os grupos por idade, de 06 a 10 anos, e de 11 a 15 anos; logo após, utilizamos da dinâmica do “Passa a Bola⁵”, em busca de saber de cada uma, qual o seu nome, idade, do que mais brincava, antes, durante e atualmente nesse período mais flexível da pandemia. Com base dessas informações, optamos por dar nomes fictícios aos meninos e meninas, os pseudônimos nos levou a chama-lós por nome de flores, fazendo referência a uma rosa do deserto presente na instituição, e por trazer em seu significado o símbolo do amor, sua flor é um sinal de otimismo, para aqueles que se encontram perdidos no seu caminho.

Figura 2. Rosa do Deserto



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Logo após as observações descritas acima, foi possível ouvir a voz dos meninos e meninas, narrando às brincadeiras vivenciadas na pandemia e verificar que as crianças tiveram suas residências como suporte para as mesmas. Isso fica claro nas falas das meninas e meninos, destacadas abaixo:

⁵ Dinâmica passa a bola disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=IE-Y0EwzDY0>

Eu ficava dentro de casa lendo livros, não saía na rua durante a pandemia. (**Rosa**)

Brincava de carrinho em casa. (**Carmélia**)

Dentro do cenário pandêmico, fica nítido na fala das crianças o quanto o distanciamento social físico as enquadrou, limitando o movimento das brincadeiras livres. Ademais, percebemos que nenhuma criança trouxe no seu relato que brincava com seus familiares, o que nos chamou atenção, como evidencia Matura-Zöllner (2004, p. 232):

Adquirimos consciência individual e social por meio da consciência corporal operacional. Esta, por sua vez, é por nós adquirida no livre brincar com nossas mães e pais ao crescermos como seres que vivem na linguagem, na intimidade de nossa convivência com eles.

Desse modo, as vivências das brincadeiras com seus familiares se fazem importante principalmente nesse período de isolamento, onde muitas crianças sentem a falta de outras pessoas que faziam parte de seu convívio, principalmente aquelas que compartilhavam consigo a diversão. Oportunizar momentos brincantes é direcionar nosso olhar para a vida, pois quando perdemos a capacidade de brincar, nos tornamos adultos incompreensíveis, como nos orienta Maturana-Zöllner (2004, p. 232), quando afirma que:

Perdemos nossa consciência social individual à medida que deixamos de brincar. E assim transformamos nossas vidas numa contínua justificativa de nossas ações em função de suas consequências, num processo que nos torna insensíveis em relação a nós mesmos e aos demais.

A partir dessa afirmativa, entendemos então que ser adulto, para além das grandes demandas e responsabilidades, deveria ser mais leve e lúdico. Oportunizar tempo e espaço para a diversão até pode não ser uma tarefa fácil em tempos tão corridos, mas seria muito necessário, tanto para o desenrolar dos processos brincantes na infância, quanto a sua permanência no decorrer da vida, porque só assim nos tornaríamos seres humanos mais alegres e sensíveis.

Outro aspecto relevante que percebemos no discurso das crianças foi o uso do celular, acessório tecnológico que está cada vez mais ganhando espaço e sendo inserido na vida dos pequenos, desde muito cedo, e sendo mais utilizado durante o período de isolamento. Isso se torna visível na fala de:

Eu ficava dentro de casa, ajudava minha mãe e brincava no

celular, não podia sair na rua por causa da pandemia, mas agora já brinco na rua com os colegas. **(Bromélia)**

Na pandemia eu ficava só no celular ou eu ficava saindo às vezes na rua, minha vó me deixava sair o problema era meu avô que não deixava sair, eu saía na hora que ele fosse trabalhar. **(Açucena)**

Durante a pandemia eu ficava no celular, lia um livro e fazia maquiagem que gosto dessas coisas de beleza. **(Lírio)**

A partir disso, percebemos o quanto a pandemia acabou limitando a movimentação das crianças em relação às brincadeiras, pois muitas delas se reinventaram para se divertirem, fosse utilizando de algum espaço de suas residências, ou recorrendo a aparelhos tecnológicos. Muitas adaptaram as brincadeiras livres (de rua) para dentro de casa, o que ouvimos:

Eu mexia no celular dentro de casa na pandemia, e jogava futebol com meu irmão no muro de casa. **(Girassol)**

Percebemos que durante a pandemia diversos desafios foram enfrentados pelos infantes, que por sua vez recriaram o ambiente de vivência em espaços para brincar, a exemplo da brincadeira de futebol – certamente a criança recriou esse ambiente, é provável que tenha utilizado chinelos ou algum outro objeto para recriar a trave, demarcou o ambiente em uma versão menor, para ficar parecido com o que geralmente é praticada na rua, ou em campo amplo, mas que devido à situação já pontuada, teve de ser restrita ao jogo de duas pessoas no quintal de casa. Desse ponto de vista Callai et al (2022, p. 536) diz que “observamos que muitas crianças estão reinventando a casa, a qual assume cenários próprios pela via da criação, imaginação e fantasia. A casa que vira mundo, abre possibilidades para a casa-cabana, casa-floresta, casa-praia, casa-quintal, em um brincar com o corpo inteiro”.

Com base nessa fala, entende-se que durante meses as crianças tiveram de ressignificar os espaços de suas casas, visto que, as repartições das moradias viraram o mundo de imaginação e podem ser exploradas de diversas maneiras, pois apesar dos desafios

enfrentados, nossos pequenos têm imaginação e espírito divertido para dar e vender, e desenvolvem brincadeiras diante de situações, antes inimagináveis para a sociedade.

Nesse percurso, a partir da escuta sensível que realizamos com as meninas e meninos da Casa Dom José Rodrigues, percebemos que as brincadeiras mais vivenciadas tanto antes, como durante, e no atual momento de flexibilização, circundaram o brincar livre, nos fazendo compreender que mesmo após muitos meses de isolamento, os infantes resgatam essas brincadeiras antes praticadas. Dessa forma, o brincar livre ficou evidente nessa escuta, ao final dos relatos fomos praticar momentos brincantes com eles. Uma das brincadeiras livres destacadas pelos meninos e meninas foi o Baleou no Meio, exposta na figura 05.

Como brincar? Primeiro não existe times; duas pessoas ficam em cada ponta do campo, com o objetivo de balear os demais componentes que se posicionam no meio desse espaço; cada participante da brincadeira que for baleado sai automaticamente perdendo sua vez. Porém, se um participante conseguir agarrar 10 jogadas de bola em sua direção, este vence o jogo.

Figura 3. Brincadeira de "Baleô no Meio"



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

3.2 Nos desenhos, as memórias registradas...

Esse brincar também ficou evidente na oficina de desenho. Importa dizer que antes de iniciar a oficina, decoramos a sala, para criar um ambiente mais lúdico e colorido, trazendo mais alegria e conforto às crianças, além de espalharmos pelo chão todo o material

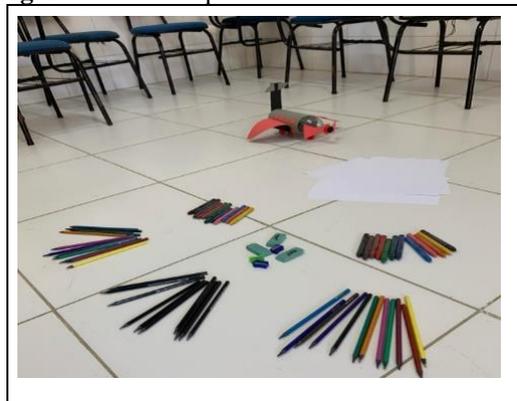
que foi utilizado por elas, a exemplo de folhas de papel ofício, lápis de cor, giz de cêra, borracha, apontador e lápis para desenhar.

Figura 4. Ornamentação da sala



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Figura 5. Material para os desenhos



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Depois de tudo pronto, recebemos as crianças de 06 a 10 anos, para dar início às criações dos desenhos de quais eram suas brincadeiras preferidas antes e após a flexibilização da pandemia. Foi uma variedade só, tinha brincadeira de boneca, de panelinha, de brincar de aniversário, entre outros.

Figura 6. Criança desenhando



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Figura 7. Desenho da brincadeira “panelinha”



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

As crianças que terminavam o desenho primeiro eram chamadas para que gravássemos sua fala de forma individual, acerca de como se brincava o que se tinha desenhado. Esse procedimento de escuta e gravação de áudio foi realizado, pois se tratavam de crianças ainda não alfabetizadas, algumas só sabiam escrever seu nome. Posterior à coleta dos desenhos e das falas, sentamos para analisar os áudios de cada criança, para saber se o

que foi dito por elas contemplava a explicação das brincadeiras, e ficou decidido, em um momento posterior, sentarmos com algumas em específico para acertar os detalhes. Vale salientar, que aquelas crianças que ainda não escreviam, tiveram suas falas transcritas em seus desenhos, com todo cuidado aos detalhes de como estas descreviam o brincar.

Realizamos a mesma oficina de desenho com meninas e meninos de 10 a 15 anos de idade. As produções desse dia, em relação aos desenhos, ocorreram livremente e mais rápidas. Para tal, percebemos que para as meninas e meninos menores, de 6 a 9 anos, a parte escrita ficou evidente que alguns tiveram dificuldades em escrever por não serem totalmente alfabetizados, foi a partir disso que houve a necessidade de utilização do recurso didático o alfabeto móvel para sanar as dúvidas referentes a caligrafia de algumas palavras.

Figura 8. Criança usando alfabeto móvel para descrever a brincadeira

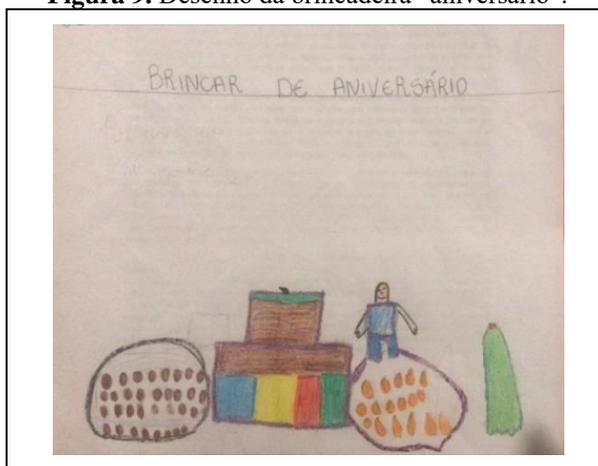


Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

As brincadeiras foram extremamente variadas e a criatividade das meninas e meninos ao desenhar foi surpreendente, a exemplo disso temos a fala de uma criança:

Tia sabe por que tem esse espaço sobrando onde tem as coxinhas? É que alguém veio aqui e comeu escondido. (**Tulipa**)

Figura 9. Desenho da brincadeira “aniversário”.



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

É importante salientar, que um jovem em especial, que aqui não cabe citar o nome, ficou mais distante das ações propostas. Este se recusava a participar de quaisquer dinâmicas e brincadeiras, e sua única interação era o suporte que o mesmo nos oferecia diante das ações, como por exemplo, auxiliando na coleta da linha que utilizamos para a dinâmica “Teia de Aranha”, ou até mesmo fotografando o que acontecia. Para ele, brincar era besteira, coisa de criança. Só após identificarmos a causa da falta de interação desse jovem, foi que realmente compreendemos o porquê dessa reação para com as brincadeiras.

A realidade desse sujeito é diferente daquela que geralmente imaginamos em uma criança. O mesmo, desde pequeno, têm responsabilidades de um adulto, pois trabalha com o pai como pintor, para auxiliar no sustento familiar. Essa é uma realidade mais que presente nos nossos dias, crianças que muitas vezes deixam de brincar e se divertir na infância, pois precisam trabalhar para ter o que se alimentar no final do dia. Brincar nem sempre é algo presente na infância de todas as crianças, entendemos, portanto, que a nossa realidade apresenta uma diversidade de infância, inclusive aquela que não brinca, por questões ligadas as desigualdades sociais.

Dentro desse contexto, idealizar uma pesquisa que envolvesse as brincadeiras e a participação das crianças nesse processo não foi uma tarefa simples. É necessário antes de tudo, entender que trabalhar com crianças exige responsabilidade, atenção e sensibilidade, pois segundo (CORSARO, 2011, p.59), “as pesquisas com crianças devem, contudo, ser interpretadas com prudência, dadas as exigências especiais enfrentadas pelos pesquisadores na utilização dos métodos”.

Entendemos, portanto, a importância do compromisso em ter cuidado com as narrativas e desenhos das meninas e meninos durante o decorrer da pesquisa, para tanto, reiteramos que foi considerada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em anexo (2) pelos responsáveis, sobre a utilização das narrativas e desenhos realizados por seus dependentes para a composição da revista.

Destacamos ainda que para nós estudantes desse tema tão urgente que é o brincar, comungamos com a fala de Maturana e Zöller (2004, p.241) quando ponderam que:

Brincar não é de maneira nenhuma uma preparação para ações futuras: vive-se o brincar quando ele é vivido no presente. Quando as crianças brincam imitando atividades adultas, não estão se preparando para estas. No momento de brincar, as crianças (e também os adultos, quando brincam) são o que a brincadeira indica.

Destacamos, portanto, que o que defendemos é o brincar sem preparação para nada, o brincar por pura diversão, sem regras, sem julgamentos.

4.0 A REVISTA DE BRINCADEIRAS: UM REGISTRO DAS MEMÓRIAS

Vivemos no mundo da informação, onde quase tudo vira notícia, seja pela televisão, rádio, celular, jornais ou revistas. Todos esses meios de comunicação são postos na sociedade com uma intencionalidade, a de transmitir informações. O ponto central da pesquisa nos remete a desenvolver um produto pedagógico, e o meio de comunicação que escolhemos para trazer em suas páginas as brincadeiras favoritas dos meninos e meninas da Casa Dom José Rodrigues, foi à revista. Nesse sentido, uma revista pode ter em sua diagramação formatos distintos, sejam por colunas de dois ou três lados, divisões na vertical ou horizontal, as cores e imagens variam de acordo com o que está sendo editado e com o objetivo de cada produção, pois segundo o autor André Furtado:

O estilo da diagramação de cada periódico será determinado de acordo com o público-alvo, assim como as cores, as formas e a tipografia, que estarão presentes neste projeto. Cada página deve ser projetada a fim de atrair a atenção do leitor. Teor, clareza e harmonia do conjunto gráfico devem ser observados pelo designer (FURTADO, 2009, p. 2).

Dessa forma, a revista pode ser produzida em suas diversas faces e objetivos, e sua elaboração é desenvolvida de acordo com o seu público de destino, desenvolvendo-se com o intuito de chamar a atenção de quem a tem em mãos, seja por vias físicas ou online.

É bem comum nas revistas encontrarmos notícias de famosos, fofocas, moda, receitas, esportes, educação, política e economia, em uma única revista podem ser variadas as temáticas presentes, assim como também, é comum vermos revistas que utilizam de uma mesma temática em toda a sua desenvoltura, a exemplo de uma revista voltada para casamento, em que tem noivas belíssimas estampadas com os modelos variados de vestidos, penteados, acessórios, decorações de festas, entre outros.

Nessa perspectiva, a revista é um gênero textual que se apresenta como veículo de comunicação, podendo ser impresso ou digital. Dessa forma, Ali (2009) apresenta a revista com algumas vantagens, ela é portátil, e oferece grande quantidade de informação, sobretudo, entram na nossa casa por um custo baixo, além de nos ajudar a refletir e dar suporte para formar nossas próprias conclusões.

A partir disso, pensamos então em produzir uma Revista de Brincadeiras, com o objetivo de possibilitar autoria dos meninos e meninas da Casa Dom José Rodrigues, no processo de criação. A partir disso, entendemos que é preciso que as crianças tenham vez, voz e sejam reconhecidas como seres capazes, o que infelizmente difere da opinião de muitos, pois segundo Lins (2020, p.101) “[...] considerando que as falas das crianças são vozes que têm sua invisibilidade legitimada numa cultura em que o adultocentrismo prevalece nas instituições ocidentais; parte-se da hipótese de que as crianças nada sabem e nós adultos as ensinamos”.

Desse modo, aqui foram valorizadas as experiências e vivências das crianças em relação às brincadeiras, estas serão reconhecidas como detentores do saber, e não apenas alguém que depende de uma figura adulta para ter sua fala legitimada. Diante disso, foi-lhes pedido que desenhassem e escrevessem quais as suas brincadeiras favoritas, e como se brincam, trazendo esse material riquíssimo de formatos, cores e singularidades, para estampar cada página da revista.

Nessa perspectiva, a criação de uma revista de brincadeiras permite ao leitor, seja ele adulto ou criança, imaginar como são essas brincadeiras, e a capa é fator fundamental para chamar atenção do seu público. Como destaca Nepomuceno (2013, p.09), “a capa é o que vai ser, no primeiro momento, o motivo principal da compra. O design divertido ou atraente, as chamadas e a personalidade que estampa a capa são alguns dos elementos responsáveis por chamar a atenção do público”.

Assim, a revista chama atenção do leitor, para instigar sua compra ou leitura. Para tal, a proposta mencionada aqui objetiva possibilitar o leitor adentrar no mundo mágico das crianças, e das diversas infâncias ao qual cada uma delas vem retratando através dos desenhos e narrativas. E quem sabe, lembrar ao leitor seu passado brincante, em tantas brincadeiras ali estampadas, afinal, imagina-se que todos gostavam de brincar quando pequenos.

Dessa forma, a criação da Revista de Brincadeiras traz uma gama riquíssima de informações lúdicas, podendo ser utilizada com caráter educacional e pedagógico, pois possibilitará que muitos docentes vivenciem brincadeiras com seus alunos; uso familiar, ao ser objeto de resistência e esperança dos momentos de brincadeiras dos pais/mães com seus filhos; útil à comunidade acadêmica que se interessa pela temática do brincar, ao identificar ali as diversas singularidades, infâncias e formas de brincar; e por fim, as próprias crianças, seja estas da Casa Dom José Rodrigues, ou de quaisquer outros espaços que venham ter acesso à revista, utilizando a mesma como um ‘post’ de exemplos divertidos, como base nas palavras das próprias crianças, do que vamos brincar agora?

4.1 As brincadeiras em revista: um pequeno relato do processo de criação

Em nossa revista, as narrativas e desenhos são protagonizados pelos meninos e meninas, da Casa Dom José Rodrigues porque acreditamos que ambos merecem visibilidade. Esse produto pedagógico, em forma de revista, foi desenvolvido para adentrar a casa de todos que se interessam pela temática apresentada até aqui. A Revista de Brincadeiras “Vamos Brincar?” é um produto pedagógico, porque defende a pedagogia do diálogo. Assim é um aparato que produz saberes, com uma linguagem que comunica, constrói significados através das narrativas e desenhos apresentados no material. Podendo assim, possibilitar o desenvolvimento integral das crianças através das brincadeiras, com isso, a produção desse exemplar pode auxiliar professores, discentes, famílias, pesquisadores, enfim, todos da área da educação, no sentido de que se podem ensinar brincadeiras para serem compartilhadas com as crianças, jovens e adultos.

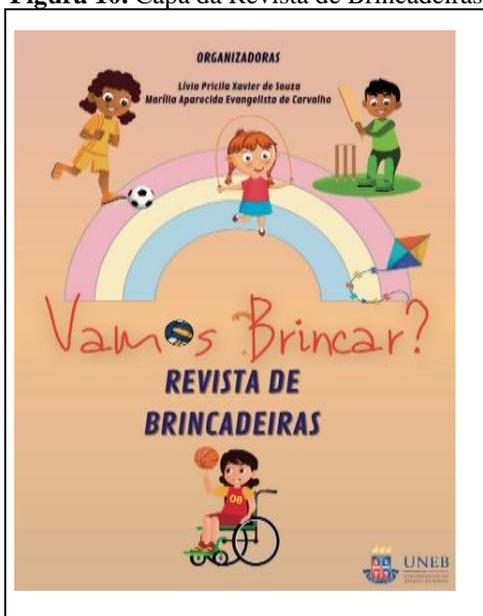
Dessa forma, o produto gráfico foi pensado da seguinte forma: primeiramente o processo de organização gráfica da Revista de Brincadeiras foi pensado em uma capa bem colorida que trouxesse elementos das brincadeiras descritas pelos meninos e meninas da

instituição, os desenhos das crianças representadas na imagem, foram selecionadas de forma que contemplassem todas, independente da sua condição motora. Subsequente, apresentamos ao leitor as 15 brincadeiras desenhadas pelas meninas e meninos e suas narrativas, são elas, brincadeiras de: aniversário, jogo celular, rouba-bandeira, pega-pega, pula-corda, esconde-esconde, pipa, papinha, carrinho, pega-ajuda, jogar futebol, trisca, handebol, boneca e panelinha. Todas essas brincadeiras contemplam nosso exemplar, com desenhos bem coloridos e com o pseudônimo representando seu autor, que está representado por nome de flores.

Para tanto, a produção do exemplar foi realizada com o auxílio da plataforma de design gráfico Canva Pro, todos os elementos utilizados no referido processo foram retirados da mesma. No que concerne às páginas que trazem os desenhos com as respectivas brincadeiras, foi necessário a utilização do aplicativo de celular CamScanner, tendo em vista, que a qualidade alcançada foi superior ao resultado obtido por máquina de Scanner profissional para que os elementos visuais tivessem alta qualidade para o leitor; o formato da revista é de tamanho A4, impresso em papel couchê, por conter acabamento brilhante e por ressaltar as cores e os desenhos, e também ser uns dos mais utilizados na nossa região, e a gráfica não usar o Off Set, nem o LWC.

Vale ressaltar, que a criação da revista levou tempo, dedicação, estudo e investimento, o produto final impresso contém 24 páginas, está composto por cores alegres e vibrantes, em tons de amarelo e pêssego. A capa além da titulação da revista contém figuras ilustrativas de crianças fazendo aquilo que mais gostam, brincar. O desenvolver da revista segue com apresentação, e informa de maneira breve, como iniciamos um diálogo com as crianças, até o processo de criação dos desenhos; traz também, algumas válidas informações do espaço não-formal de ensino, a Casa Dom José Rodrigues, e sugere em suas páginas, as diversas brincadeiras e formas de brincar, sugestões que nos despertam o lúdico só ao folhear. Após isso, é desfrutar das 15 brincadeiras exemplificadas pelos meninos e meninas, que através de traços e cores, as trazem com muita diversidade.

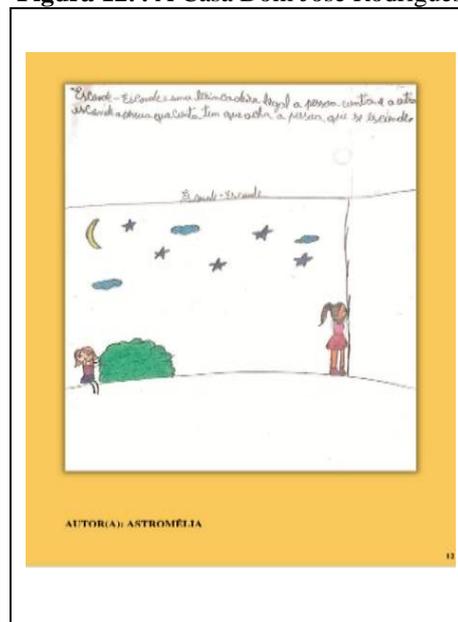
A finalização desse produto pedagógico agradece a todos (as) os envolvidos no seu processo de idealização e construção, que sem dúvidas, direta ou indiretamente, contribuíram para que um trabalho tão lindo, diverso e lúdico fosse construído.

Figura 10. Capa da Revista de Brincadeiras

Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Figura 11. Brincadeira "esconde, esconde".

Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Figura 12. . A Casa Dom José Rodrigues

Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

Figura 13. Agradecimentos

Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras

A seguir a proposta de discussão é revisitar o passado para entender como a infância brincante se inicia, uma história que contamos através de marcos históricos. Subsequente, trazemos alguns apontamentos sobre como ficaram as brincadeiras antes, durante e após a flexibilização da pandemia que nos deram o suporte necessário para subsidiar a construção da nossa revista.

5.0 O BRINCAR NA INFÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS

5.1 As infâncias e as brincadeiras: memórias teóricas

Diante do contexto dos direitos das crianças ao seu bem estar, incluído então o direito ao brincar, é importante ter a compreensão de como esse fator era visto no decorrer da história e sua evolução. A expressão “1, 2, 3... e lá vou eu” está inserida no processo de brincar, brincar este que vem sendo cada vez mais discutido em palestras, convenções e universidades. O direito do brincar, seja livre, em instituições de ensino ou no leito familiar, precisa encontrar respostas, junto à pedagogia, sobre sua importância no desenvolvimento integral das crianças. Nesse sentido, é necessário questionar porque um direito assegurado por lei ainda não é garantido por políticas públicas e cobrado pela sociedade civil organizada.

Para responder a estas questões precisamos retomar embates traçados ao longo da história e entender a infância. Assim, é importante debruçarmos nos estudos de Ariès (1986), em especial seu livro “História Social da Criança e da Família”, que apresenta o contexto histórico acerca da criança e da infância, com um recorte a partir da Idade Média.

Nesta seção, trazemos um breve contexto histórico acerca dessa discussão. Segundo Ariès (1986) a infância não existia e esse conceito era negligenciado pela sociedade. Foi só a partir do século XVII, que tivemos indícios de uma infância construída a partir de marcos de brincadeiras, o autor ainda esclarece que graças aos registros do médico Heroard, foi possível saber como eram as brincadeiras e a vida dessas crianças.

Em seu diário, Heroard relata a vida de Luís XIII, como se desenvolvia suas brincadeiras na primeira infância, destacando que o menino brincava com cavalo de pau, cata-vento, pião e boneca. Na época supracitada, era comum crianças do sexo masculino brincar com bonecas, pois na primeira infância as vestes não distinguiam sexo. Ariès descreve as brincadeiras realizadas nesse período, afirmando que “ao mesmo tempo em que brincava de bonecas, esse menino de quatro a cinco anos praticava o arco, jogava cartas, xadrez (aos seis anos) e participava de jogos de adultos, como o jogo de raquetes e inúmeros jogos de salão” (ARIÈS, 1986, p.86).

Logo, percebemos que por mais que o século referido traga traços de uma infância comum para as crianças, percebemos que ainda há sinais sobre o controle da mesma, os brinquedos, a exemplo do cavalo de pau, nasceram de atitudes adultas, em uma época ao

qual era direcionada a única forma de transporte (IDEM,1986). A boneca e os brinquedos em miniaturas também eram vistos no mundo adulto, a boneca era tida como perigoso instrumento de feitiçaria e bruxaria, mas já em outro momento da história, no início do século XIX, o autor esclarece que a boneca servia como manequim de moda para as mulheres elegantes.

No século XIX, os brinquedos em miniaturas eram muito procurados na França, as miniaturas poderiam ser vistas nos salões, e estes eram fabricados no formato familiar, cadeirinhas, movezinhos, louças pequenas, todos esses brinquedos retratavam a vida cotidiana do adulto, assim, existia certa ambiguidade em relação aos bibelôs, ora feitos para o monopólio da criança, ou comercializados nos salões franceses para decoração dos mesmos. Diante do exposto, a literatura de Ariès (1986) nos orienta a entender que brinquedos, brincadeiras, festas e danças, não havia distinção entre adultos e crianças. As brincadeiras e os brinquedos representavam o mundo adulto. Isso acontecia porque nesse período histórico as crianças reproduziam as vivências dos adultos, pois não se pensavam na infância, essas brincadeiras ocorriam para as crianças serem inseridas no mundo. Os infantes praticavam os mesmos jogos que os adultos, inclusive cartas, dados, gamão e jogos de azar, pois não provocavam nenhuma reprovação moral, logo, não havia porque impedi-los.

Dessa forma, compreender o percurso da infância e das brincadeiras nos orienta a entender como o processo lúdico passou por transformações ao longo da história. Se apropriar desse contexto histórico nos permite entender que a construção humana sobre as brincadeiras e a infância foi se modificando, e tomando proporções em torno da infância, por esta razão, buscamos subsídios para fortalecer os direitos atribuídos aos infantes no seu percurso histórico, que garantem marcos legais sobre essa tutela, assim, como cidadãos de direitos, desde seu nascimento, é primordial pensar nos infantes como seres que precisam ser vistos como atuantes no mundo.

Ainda no século XIX, percebemos que a infância vai encontrando um lugar, isso por conta dos processos de transformação da sociedade, mesmo percebendo tais avanços ainda é necessário evoluir quando se refere aos direitos das crianças, mesmo com leis assegurando certos direitos, a exemplos da Constituição Federal de 1988, no capítulo VII de seu Artigo 227, e no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA da Lei Federal nº 8.069, 1990, Art. 16, ainda presenciamos discursos relacionados ao brincar como “uma perda de tempo”. Isto

por que o mundo contemporâneo foi tomando o lugar do lúdico. Corroborando com esse pensamento Negrine (2011, p.21) orienta que:

As mutações decorrentes do mundo moderno vão progressivamente afastando os indivíduos do convívio lúdico, principalmente nas grandes metrópoles. Diria ainda o eixo do lazer mais que estas mutações alteram radicalmente a relação que os povos antigos mantinham através da atividade lúdica. Os tempos modernos impõem outras formas de lazer, deslocando o eixo do lazer compartilhado com os outros para formas nas relações do homem com a máquina (computador, televisão, etc.).

Atualmente compreendemos que o computador, televisão e o celular tomaram o lugar das brincadeiras tradicionais, como as cantigas de rodas, amarelinha, pião, pula corda. Estas caíram no declínio do pensamento adulto, como se esse indivíduo não lembrasse mais das brincadeiras tradicionais na fase de sua infância, sendo mais fácil negar as brincadeiras, do que se remeter a um tempo prazeroso, divertido, como o prazer de simplesmente brincar.

Por esta razão, a resistência e a esperança ao brincar precisa ser cultuado por toda a sociedade, pois ele é intrínseco a criança, e todos nós fomos criança um dia. O pensamento contemporâneo sobre as brincadeiras é dissipado quando o adulto retruca que “criança brinca porque não há nada mais importante para fazer”, como se o simples ato de brincar para a criança não fosse importante e não fizesse parte de sua vida, desde seu nascimento.

Diante disso, Brown et al. (2011, p. 48) explica que:

Uma criança pode estar sentada na sala de aula ou indo de casa para a escola, ou esperando na fila do caixa de um supermercado. O tipo de ambiente não importa muito. Se alguma coisa estimula o seu desejo de brincar, nada irá impedi-la. A maioria dos adultos não consegue perceber isso. Eles também não entendem os enormes benefícios em relação ao desenvolvimento que provem da brincadeira informal.

Assim, os benefícios atribuídos às brincadeiras livres podem ser percebidos em qualquer lugar, a brincadeira é algo biológico e social, as crianças se apropriam de espaços inusitados dando cores, formas, sentimentos, e exploram qualquer ambiente como único. Corroborando com essa ideia, Sena (2016, p. 23) afirma que:

Nas brincadeiras, nas histórias contadas e experimentadas, as crianças vão se relacionando com o universo real e imaginário, interagindo com o mundo e lhe atribuindo significados, sentidos e sentimentos. É nesse momento que as questões do mundo vão se tornando “concretas” e elas vão se fazendo sujeitos que pensam e se posicionam diante do mundo, de sua forma.

Dentro desse contexto, pode-se afirmar que existe um mundo de possibilidades e descobertas, quando se trata das brincadeiras, porque elas geram oportunidades únicas. Ao

brincar a criança descobre, inventa, reinventa, cria regras, indagações, resolve conflitos, estabelece alianças, exclui, inclui, e assim vai dando pluralidade as suas ações, dando significados ao mundo concreto. É possível perceber, por exemplo, que quando a criança brinca de casinha, está imitando alguém, e isso a torna pertencente ao mundo concreto ao qual faz parte. É a reprodução permitindo-a entender o mundo que a cerca.

Assim, possibilitar momentos de brincadeiras com as crianças permite o contato com tudo que é possível a ela, pois tudo se transforma, uma simples caixa de papelão torna algo interessante e inusitado em suas mãos. Reforçando essa informação, Meira (2003, p.85) explica que:

O brincar é tecido por histórias e a travessia pelos brinquedos feitos com arte, elaborados com as mãos das crianças e dos adultos que as cercam, representa uma via possível de construir suas bordas. Brinquedos artesanais que se encontram nas primitivas formas de brincar que as crianças buscam e que paradoxalmente hoje lhes são subtraídas: a água, a terra, a areia, as folhas, as pedras, o papel, e tantos outros materiais que se encontram nas inúmeras vias invisíveis por onde elas transitam em seus exercícios de invenção. Materiais que são colados pelas palavras, gestos, histórias, narrativas, que tecem sua forma fundando uma obra ali onde apenas havia objetos.

Nesse entendimento, os brinquedos e brincadeiras precisam estar no itinerário da criança, cabe ao adulto dar condições para as vivências mágicas da infância, isto porque muitos discursos ainda sobre o brincar permanecem cristalizados sobre um pensamento retrógrado e arcaico em relação à infância e ao brincar livre. O brincar é terreno fértil de proposições, e é isso que vamos discutir no decorrer desta escrita.

5.2 Em momento de pandemia, brincadeiras e jogos a qualquer hora... A família pode participar?

Como vimos no item anterior, à infância passou a ser percebida como momento importante no final do século XVIII e início do século XIX. A partir de então, o estudo desta se encontra cada vez mais sendo investigado nos campos acadêmicos das áreas da psicologia, sociologia e pedagogia, isto porque, o mundo contemporâneo está se tornando mais complexo e com múltiplos olhares a respeito de entendê-la em sua totalidade. A sociologia da infância explicada por Corsaro (2011) explana como as pesquisas envolvendo o enredo da criança estão mais diversificadas, tendo como objetivo geral aprofundar a diversidade da infância e de sua vida cotidiana, e o lugar das brincadeiras dentro dela. Pensar a diversidade da infância relaciona-se diretamente com o brincar. Diante do que foi posto até aqui,

perguntamo-nos: O que é brincar/brincadeiras? O que é o lúdico? Por que afirmamos tanto que brincar é importante?

Para refletirmos sobre as questões colocadas tomamos emprestada a escrita de Maturana e Zöllner (2004, p.230) ao dizerem que “brincar é atentar para o presente” e que “brincadeira é qualquer atividade humana que seja desfrutada em sua realização na qual a atenção de quem vive não vai além dela” (2004, p.231-232). Entendemos com isso que o brincar/brincadeira traz processos de ludicidade que se referem ao estado interno de bem estar de cada sujeito envolvido na brincadeira. Ainda que fizéssemos esforço em dar um recorte para cada termo, percebemos que eles se interpenetram e que acabam trazendo um conjunto diverso de definições.

Assim, pode-se afirmar que a diversidade da infância se relaciona diretamente com as brincadeiras, estas que por sua vez, podem ser entendidas e aplicadas para diversos objetivos. Nesse sentido, a dimensão criativa do lúdico pode ser vasta, podendo ser visto nas diferentes áreas da sociedade. Nessa perspectiva, Santos (2001, p. 14) afirma que:

Ao deixar de ser uma especificidade da infância, o lúdico nestes últimos anos, transformou-se numa ferramenta de trabalho para muitas áreas e seus resultados positivos repercutiram em diferentes setores da sociedade, como é o caso das empresas, das universidades, dos hospitais, das clínicas, das escolas e de muitos outros que investiram nesta área.

Dessa forma, podemos destacar que o lúdico possibilita inúmeros benefícios para as diversas áreas de estudo, embora seja segmentado para diversos fins, este possibilita estudos científicos, onde a ciência se apropria do lúdico como recurso de intervenção para explicar comportamentos humanos. Dessa forma, a ludicidade para Santos (2001, p. 16) “tem que ser tratada como cientificidade para poder ser um fator de transformação”.

Nesse cenário, as brincadeiras dirigidas, por exemplo, são vistas em diversos contextos, a exemplo da escola que as aplicam com olhar pedagógico para a utilização de métodos de aprendizagens, nesse caso, os educadores se apropriam das brincadeiras para fins educativos. Segundo Salomão et al. (2007), na prática pedagógica é possível utilizar brinquedos, brincadeiras e jogos, estes possibilitam múltiplas aprendizagens. A estratégia do lúdico como ferramenta oportuniza, aos infantes, aprendizados significativos em diferentes atividades. Destacamos ainda o pensamento de Kishimoto (2009) ao abordar a concepção de brincar pela ótica de Froebel, este que justificou o uso de brinquedos para educar crianças

em nível pré-escolares. Assim, no vasto âmbito que as brincadeiras se encaixam, percebemos que cada abordagem traz consigo suas próprias respostas para justificar as possibilidades de aprendizagem através do brincar.

As brincadeiras, portanto, exercem um papel primordial para a infância. Entretanto, na contemporaneidade, com o crescimento das cidades, do número de veículos nas ruas, aumento da violência e insegurança, questões como falta de incentivo familiar para com as práticas do brincar, uso exacerbado das tecnologias, principalmente após a pandemia pela COVID 19, são alguns dos fatores que acabam distanciando os infantes de suas rotinas. E são a partir destas questões que procuramos compreender como ficaram as brincadeiras antes, durante e após a flexibilização do isolamento social da pandemia?

Diante disso, sabemos que as brincadeiras em ruas, parques, shoppings, escolas, e etc., estão no cotidiano das crianças, estas que antes da pandemia brincavam livremente, e experimentavam diversas brincadeiras com seus irmãos, vizinhos e amigos da escola, a exemplo de brincadeiras como, pega-pega, esconde-esconde, garrafão, empinar pipa, boneca, panelinha, dominó, vídeo game entre outras. O contexto das brincadeiras se modifica quando, no ano de 2019, nos deparamos com uma pandemia causada pela COVID-19, doença que ocasionou o distanciamento físico-social, onde muitas crianças estão passando mais tempo nas suas residências, como afirma Pfeiter e Sant'Anna:

O distanciamento social e a intensificação dos hábitos de higiene afetaram diretamente o brincar das crianças, estabelecendo alterações nas rotinas, restrições de parceiros e de contextos nos quais se desenvolvem as atividades. As consequências dessas restrições podem ser sérias, com impacto no desenvolvimento infantil. (PFEITER e SANT'ANNA, 2022, p.838)

Considerando essas informações, Ponte destaca que:

A quarentena deve ser compreendida como um contexto de desafios aos moradores de uma mesma casa. Os pais continuam em atividades remotas, devotados aos trabalhos domésticos e com outros membros, principalmente idosos e crianças. Estas, com o cotidiano suspenso, recriam brincadeiras, formas de aprendizado e são desafiadas a reconfigurarem as relações com os pais e amigos, principalmente no que toca ao tempo (PONTE, 2020, p.94).

Atrelada a essas restrições, questiona-se: como a pandemia alterou o brincar significativo, em espaços externos das ruas, parquinhos e praças, pensando nas crianças, nos perguntamos como ficam as brincadeiras durante a pandemia? Como a família poderia neste cenário, no qual não sabia o que fazer, e os filhos passavam a não ter com o que/como brincar? Então como pensar na brincadeira em um momento de forte angústia?

Paradoxalmente, também se pergunta: será que esse não seria o momento oportuno para resgatar e fortalecer o vínculo entre criança e pais, que o brincar/brincadeira proporciona?

Nessa perspectiva, ressignificar o ambiente das brincadeiras, requer olhares sensíveis quanto às possibilidades de criar e recriar momentos lúdicos. Flores e Albuquerque afirmam que:

Durante a pandemia, dependendo da configuração de seus contextos familiares, permanecem muito tempo em suas casas. É preciso reinventar o espaço. As cortinas e as mesas podem virar barracas, castelos; as caixas do supermercado podem virar foguetes e brinquedos para casinha. Adultos que vivem na mesma casa, parentes ou não, podem ser convidados para contar histórias de sua infância e confeccionar brinquedos, fazer explorações culinárias e acompanhar as crianças em suas aprendizagens cotidianas, como cozinhar, costurar e auxiliar na confecção de brinquedos, de forma segura (FLORES e ALBUQUERQUE, 2021, p.143).

Ou seja, há possibilidades de se garantir os momentos das brincadeiras e desenvolvimento das crianças, mesmo durante uma pandemia. Para tal, Conceição e Ramos (2021, p.132), afirmam que “uma das contribuições mais importantes do brincar para crianças neste momento pandêmico é, seguramente, a possibilidade de entender e processar o mundo e suas próprias emoções, especialmente nas situações de luto, raiva, tristeza, tão presentes no contexto atual”.

Dessa forma, destacamos o quanto o brincar é vital para as crianças, distrair-se com as brincadeiras possibilita lidar com situações de estresse e ansiedade, que o isolamento veio ocasionar na vida delas. Assim, é primordial que a família oportunize momentos de entretenimento com seus infantes, é necessário que haja vontade e conhecimento, entendemos que a ausência das brincadeiras dentro dos lares, pode ser um reflexo da cultura daquele espaço familiar, ou seja, os pais, mães, tios, avós, e demais familiares podem não terem sido crianças brincantes.

Ainda nesse contexto, entendemos que as brincadeiras oportunizam e possibilitam a troca de experiências e saberes, desenvolvendo nas crianças descobertas de si e do outro, e para isso, destacamos aqui, que a família deve estar ao passo inicial de criar um contexto de brincadeiras que comecem a despertar em seus filhos experiências que venham inicialmente estimular a consciência individual de si, e posterior do outro. Dessa forma, o brincar está relacionado ao desenvolvimento da consciência social das crianças, pois segundo Maturana-Zöller (2014, p. 229):

A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeiras com a mãe e com o pai. Nessas interações, seus corpos se encontram em total aceitação mútua quando se tocam, escutam-se e se veem no presente, numa dinâmica de confiança mútua total. É essa a confiança que dá a criança a possibilidade de crescer em autoaceitação e autorrespeito que possibilitam que ela aceite os outros, o que constitui a vida social.

Portanto, entendermos o quanto o brincar na infância é necessário para nos tornarmos pessoas mais sensíveis e conscientes. A consciência corporal operacional que conquistamos, durante o brincar com nossos familiares, como reflete Maturana-Zöller (2004), se perde, caso isso não aconteça, conseqüentemente gerado pela ausência de intimidade, causando assim, a formação de jovens e adultos insensíveis, que não se importam uns com os outros, e que também não se importarão com o brincar na infância de seus futuros filhos.

As interações entre mãe, pai, familiares e criança são fundamentais para o recomeço das brincadeiras. Com a flexibilização da pandemia, aos poucos as crianças começam a voltar a brincar em ambientes do seu cotidiano, e com seus pares, isto porque, os infantes retomam aos poucos as brincadeiras coletivas como futebol, pique-esconde, baleou, entre outras. E o brincar assume novamente seu papel, voltando a ocupar seu lugar na infância, devendo ser desfrutado em sua totalidade. Destacamos que mesmo com a flexibilização da pandemia, o momento ainda requer cuidados para o controle da mesma.

Considerando as informações apresentadas, dentro desse contexto de relevância das brincadeiras na infância das crianças, precisamos destacar que para além das brincadeiras, existem os jogos, estes que em termos de significado, diferem do brincar. Nesse sentido, ao falarmos em brincar, o relacionamos automaticamente ao jogar, já que ambos os verbos são bem comuns tanto na infância, como até mesmo em qualquer fase da vida adulta. Dizemos isso, pois, da mesma forma que o brincar é essencial à infância, este deveria ser também, desenvolvido por qualquer ser humano, em quaisquer fases de sua vida, já que traz leveza e alegria para quem o pratica.

Relacionado ao brincar temos os jogos, e por mais que haja uma relação entre ambos, e que muitas pessoas até entendam que é tudo a mesma coisa, há uma definição que difere os dois termos: jogo e brincadeira. Contribuindo com esse pensamento Kishimoto (2017, p. 18), explica que “no Brasil, termos como jogo, brinquedo e brincadeira ainda são

empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo”.

Ainda sobre essa explicação as autoras Cória-Sabini e Lucena (2012), explanam que há uma dicotomia entre o jogo e a brincadeira. Para elas, o que difere é que o jogo é composto por regras, segue uma modalidade, ou seja, tem um sentido específico para quem o conhece e joga, este instiga a competitividade, o pensar rápido e com esperteza, fazer relações, além de conter elementos para sua realização. Como exemplo, temos o jogo UNO, contemporâneo e conhecido entre grupos de crianças, jovens e adultos, e que para ser desenvolvido, é necessária a utilização de cartas de baralho, que foram produzidas com cores, desenhos e regras específicas aos objetivos desse jogo. Já em contraponto temos o brincar, este com um caráter mais livre e lúdico, e que segundo as autoras:

No brincar há uma ausência de regras na organização das atividades. Assim, não há definição permanente de desempenhos, nem objetos específicos. Qualquer objeto pode representar, para a criança, tudo o que existe no cotidiano, na natureza e nas construções humanas. Por tais razões, o brincar é mais específico da infância e não se confunde com jogo (CÓRIA-SABINI e LUCENA, 2012, p. 30).

Diante do exposto, fica nítida a diferenciação entre o brincar e o jogar. Enquanto o jogo segue todo um aparato de regras e traz em si uma ideia mais centrada a competição, as brincadeiras desenvolvidas pelas crianças tem um caráter de liberdade, e ganham sentido de acordo com o seu sentimento atual dentro da ação, pois facilmente um cabo de vassoura pode se transformar em um cavalo, e posteriormente pode servir de arma para capturar um ladrão. Cada criança vai construindo dentro de si, significações distintas ao brincar, este que além de contribuir na construção da autonomia e descobertas dos pequenos, mexe com seus imaginários, os dão prazer e doses de alegrias imensuráveis.

A partir disso, analisamos que apesar do jogo e da brincadeira serem ações desenvolvidas constantemente pelas crianças, ou até mesmo por adultos, se diferem em significado e sentido. Em contraponto a diferenciação entre jogo e brincadeira, segundo seus significados, não podemos esquecer que para as crianças, agentes praticantes principais desse processo, jogar e brincar, estão no mesmo campo de sentido.

É notório que os jogos e as brincadeiras oportunizam momentos de prazer às crianças, e sejam estes dirigidos, intencionais ou livres, estão intimamente interligados, e a criança como fazedor principal dessas ações, não diferencia o que é jogo e o que é a brincadeira,

tudo se torna fascinante para as crianças e brincar ou jogar, para elas, tem um único sentido, o de divertir-se. Nessa perspectiva, Fortuna (2004, p. 02) afirma que “por outro lado, tanto jogo quanto brincadeira contém a ideia de laço, relação, vínculo, pondo indivíduos em relação consigo mesmos, com os outros, com o mundo, enfim”. Esta autora ainda sustenta que:

Um brinquedo, uma brincadeira, um jogo, é tanto melhor quanto mais engendra mistério e oportuniza a ação (física ou mental). Assim, as condições em que é possível brincar são aquelas em que o indivíduo que brinca é sujeito da brincadeira, e não mero espectador, passivo, como também é provocado, desafiado. A rigor, nenhum brinquedo ou jogo pode ser assim designado sem a ação de quem brinca. Está condenado a ser apenas um objeto qualquer enquanto não for "jogado". O que faz um brinquedo ser brinquedo é a ação de quem brinca (FORTUNA, 2004, p. 03).

Logo, no sentido prático, para as crianças não existe diferenciação entre jogar e brincar, pois no seu universo de brincadeiras o que vale é a imaginação e o prazer que as atividades lhes proporcionam.

5.3 Brincadeira de criança, como é bom, como é bom...

Iniciamos essa seção, neste memorial, partindo do pressuposto de como é bom brincar, principalmente quando as brincadeiras são livres, podendo ser pela manhã, ou ao cair da tarde, sem pressa alguma, afinal, o tempo aqui é o que menos importa, porque a criança só se dá conta de si quando a mãe fala que já está na hora de entrar, e que já brincou demais por hoje. E assim que Manoel de Barros nos convida quando diz que:

Contou para a turma da roda que certa rã saltara Sobre uma frase dele e que a frase nem arriou. Decerto não arriou porque não tinha nenhuma palavra podre nela. Nisso que o menino contava a estória da rã a frase entrou uma Dona de nome Lógica da Razão. A Dona usava bengala e salto alto. De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou: Isso é lingua de brincar e é idiotice de Criança Pois frase são letras sonhadas, não têm peso Nem consistencia de corda para aguentar uma rã Em cima dela Isso é lingua de Raiz- continuou É língua de faz-de-conta É língua de brincar! (BARROS, 1916. p.485-486)

A citação colocada acima é um convite a todos os adultos, para pensarmos não com olhos da dona Lógica da Razão, que traz a poesia de Manoel de Barros, onde diz que brincar é idiotice de criança, mas imaginarmos com os olhos da criança, onde tudo que se toca se

transforma. “A brincadeira parece bobagem de criança, que pode ser interrompida, pois, se deixar, não tem fim, dura a vida toda” (ASSY E SANTOS, 2016. p.138).

Assim, é o mundo a qual pertence à criança, quando estão brincando esquecem do que se passa ao seu redor, só se preocupam em divertir-se, sem desassossego com o tempo, ao contrário de nós adultos, cada vez mais submersos e vítimas de uma sociedade e sistema que corre e se desdobra a todo custo. É uma corrida sem fim, uns querendo chegar antes que os outros, mães e pais que estão mais preocupados com o amanhã do que com o hoje, deixando por vezes de viver e estar presente na infância de seus filhos, preocupados com um futuro que ainda nem existe. Importam-se as boas impressões, e esquecemo-nos de viver o agora e de sermos verdadeiramente quem somos.

Dessa forma, a proposta de discussão desse tópico refere-se a uma abordagem das brincadeiras livres. Estas que envolvem o dia a dia das crianças, tornando-se uma ação livre, que dá prazer, relaxa, ensinam regras e desenvolvem inúmeras habilidades (GUTERRES e MELO 2021).

Dentro desse contexto, o documentário Tarja Branca⁶ nos traz muitas reflexões sobre como a nossa sociedade tem vivido cada dia mais insensível e em um processo de adoecimento sem fim. Cobra-se tudo, as boas notas, as aprovações em universidades renomadas, à busca desenfreada por empregos que gerem bons lucros, exatamente tudo é posto como prioridade, menos uma coisa: o brincar. Quem brinca é feliz, e como traz a fala da pedagoga Maria Amélia Pereira, brincar para mim é usar o fio inteiro de cada ser. Quando você está usando o seu fio de vida inteiro, você está brincando (PEREIRA, 2014).

Dentro dessa concepção, refletimos que a brincadeira é o agora. É viver o presente sem preocupações com o futuro, e quem convive com criança deve compreender o mesmo, deixar criança ser criança, ter um olhar para as brincadeiras sem intencionalidades, sem pressupostos, apenas o brincar livre. Deixar um pouco de lado essas grandes corridas em busca de algo imprevisível, e entender que as brincadeiras não tem a obrigação de preparar

⁶ **Tarja Branca**. Youtube, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2MsCMyHGVhU> > Acesso em: 26/04/2022.

as crianças para nada, o que se desenvolve através do brincar é natural e leve, pois há tempo para tudo, tempo de brincar, de estudar, de crescer e se desenvolver em sociedade.

Dessa forma, as brincadeiras de rua, por exemplo, oportunizam momentos de liberdade para quem brinca, este espaço pode servir de esconderijo ao brincar de esconde-esconde, na quadra de esporte ao brincar de baleou, de ginástica olímpica ao brincar de pular elástico, essas brincadeiras envolvem diversas faixas etárias, assim, cada criança envolvida pode ensinar e aprender, cada brincadeira favorece diversas situações de convívio social e também podem resgatar tradições culturais que vão perpassando de geração para geração, elas dão continuidade histórica para novas gerações, criar e recriar novas formas de brincar ou até mesmo inventar outro nome para aquela brincadeira antiga, a exemplo do baleou, brincadeira que utiliza a bola para acertar os oponentes, que em outras cidades podem ser conhecida como queimada.

Dentro dessa perspectiva, destacamos que o brincar livre é ferramenta primordial e indissociável ao mundo infantil. Pular, cantar e correr, são verbos que ao lermos já os associamos as crianças e as brincadeiras, sendo elas em grupos ou sozinhas revelam o mundo imaginário dos pequenos, que descobrem um conjunto de significações postas a elas através das relações construídas com o meio e com a cultura ao longo de sua vida.

Partindo desse entendimento, que as brincadeiras são uma construção social, Pozas (2013, p.29) colabora afirmando que:

As brincadeiras fazem parte dessas relações. Na atividade lúdica, a criança ousa experimentar o mundo real aquele que ela vem compreendendo com a ajuda do adulto e que está imerso no cultural, no social e no histórico. Ao acreditar ser a brincadeira uma aprendizagem social que pressupõe relações e encontros, esta seria, certamente a forma mais interessante de se viabilizar o desenvolvimento cognitivo da criança.

Desse modo, as experiências com as diversas brincadeiras e brinquedos trazem dentro deste contexto, o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, brincar de faz de conta, por exemplo, estimula a criação, atenção, imaginação e a movimentação do corpo como forma de se expressar. Por conseguinte, o brincar livre possibilita a criança um mundo de ressignificações, novas descobertas a cada vez que se brinca, ou novas situações quando brinca em pares, o conflito ao encarar novas situações, recriar a mesma brincadeira por diversos olhares, todo esse bojo de possibilidades está dentro do imaginário da criança, toda brincadeira se torna fascinante ao seu olhar. Como nos alerta Pozas (2013, p.36):

A brincadeira projeta a criança em um universo alternativo excitante, no qual ela não só pode viver as situações sem limitações, mas também com menos riscos. A forma e a intensidade de apropriar-se da brincadeira estarão diretamente associadas ao meio e as relações vivenciadas pela criança. A comunicação que ocorre no ato de brincar torna-se uma metacomunicação, na medida em que as trocas verbais ou não verbais, implícitas ou explícitas, conferem a brincadeira o lugar da iniciativa e da vontade de cada um, cujas combinações e acordos fazem emergir as ressignificações do cotidiano e da cultura em que está inserida.

Portanto, o cotidiano das crianças diz muito sobre como elas se socializam na hora das brincadeiras, estes podendo ser em espaços coletivos como praças, ruas, escolas, espaços não formais de ensino ou sozinhas em suas casas, assim, o percurso individual ou coletivo vai depender do contexto onde elas estão inseridas.

Ainda sobre este ponto de vista, entendemos que o cotidiano se mostra como fundamental no processo de desenvolvimento das brincadeiras pelas crianças, pois é de acordo com suas vivências pessoais, que as mesmas reproduzem através das brincadeiras as relações que constroem no seu dia a dia, e isto é observável quando as crianças fantasiam através de sua imaginação, relações pessoais que acompanham em suas vivências. Dessa forma, costurando a sua realidade com sua imaginação fértil, buscando na brincadeira, um novo significado, como afirma Bomtempo (2011, p.77):

O fantástico, o imaginário, expressos na brincadeira da criança quando fala com um cabo de vassoura “como se” fosse um cavalo, fica zangada com seu cãozinho imaginário porque faz sujeira no tapete da mamãe ou transforma a pedra em pássaro, mostram uma mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado.

Dessa maneira, os objetos que as crianças têm acesso no seu cotidiano transformam a maneira como elas brincam, isto porque, percebemos o quanto leve e satisfatório é a infância e todo esse processo de crescimento da criança, pois, elas quando brincam, refletem aquilo que vivem ou que gostariam de viver.

Ainda nesse contexto, não podemos deixar de refletir que nos deparamos diariamente com múltiplas infâncias no nosso dia a dia. São crianças de diferentes realidades sociais, sejam em questões culturais, religiosas, econômicas, políticas, enfim, não há como considerar as brincadeiras de uma forma singular, mas sim plural, já que cada pequeno traz consigo particularidades que de certo modo interferem até mesmo em suas práticas do brincar.

Partindo desse entendimento, muitas crianças não tem tempo para brincar, isto porque estão trabalhando nas ruas, como guardadores de carro, ou em comércios locais como ajudantes, as meninas trabalham como empregadas domésticas cuidando de crianças pequenas (CORSARO, 2011). Logo, as brincadeiras dizem muito sobre o contexto ao qual essa infância está inserida, como explica Costa et al, quando afirma que:

Embora os pais com condições desfavoráveis desejem que seus filhos tenham boa qualidade e oportunidades lúdicas, nem sempre isso se torna prioridade. Dessa maneira, diversas variáveis sofrem influência nessa relação como o tipo, o conteúdo e a diversidade das brincadeiras, o uso do tempo e do espaço, a disposição para interagir com os pares e com o meio, a quantidade de objetos, as questões de gênero, e o tempo de interação entre pais e filhos. (COSTA et al, 2018, p.184).

Além disso, outra questão que a autora pontua é sobre:

O aumento dos índices de violência nos bairros e a desorganização do espaço urbano, podem limitar as oportunidades de brincadeiras fora do domicílio. Por isso, crianças que vivem nesses contextos muitas vezes são mantidas em casa para a sua própria segurança e tendem a utilizar os brinquedos disponíveis e objetos domésticos (COSTA et al, 2018, p. 184).

Por conseguinte, destaca-se que essas brincadeiras não carregam em si o fardo da realidade vivida em comunidades violentas, o divertimento é explorado de maneira ingênua, assim como os brinquedos, que muitas vezes são fabricados para hora serem mocinhos, hora serem malvados, o enredo quem dá é a criança.

Fortuna destaca que:

Vale lembrar que brincar é uma atividade dinâmica e simbólica: a um só tempo produz e é produto de sentidos e transformações. O sujeito que brinca bem pode ressignificar o brinquedo através da brincadeira: é assim que uma princesa Barbie pode casar com o rato Mickey, ou que na falta de bonecos que representem os bandidos, os bonecos fabricados para cumprir o papel de mocinhos bem podem mudar de lado (FOTUNA, 2004, p. 04).

Portanto, o brincar defendido por nós, é aquele que a criança possa ser ela mesma, sem pré-julgamentos dos adultos, é utilizar de todas as ferramentas para ser feliz, porque quem brinca é, conseqüentemente, feliz, seja ele na rua, em casa, em pares, sozinha, com familiares, o importante é “BRINCAR”, para despertar no adulto a criança brincante que já foi um dia.

5. CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE FINDAM E FICAM NAS MEMÓRIAS

Considerando o que observamos e o que foi vivido nesse trabalho, fica claro como o brincar na pandemia afetou em parte as brincadeiras das crianças, visto que muitas ficavam confinadas em suas residências, não permitindo vivenciar momentos nas ruas, com vizinhos e amigos. Nesse caminhar, percebemos também que muitas crianças tiveram de ressignificar as brincadeiras, e isso é mostrado em suas narrativas. Entretanto, a esse “novo normal” que a pandemia deixou, foi perceptível que muitas ainda estão próximas das brincadeiras livres, e que a tecnologia não se fez tão presente quando perguntado do que elas mais gostavam de brincar, isso nos mostra que a brincadeiras livres dão um nível de liberdade não só motora, mas também social.

Sendo assim, a escrita desta pesquisa nos permitiu adentrar no mundo fantástico das brincadeiras livres, nos colocando como coadjuvantes, pois, para além de estudantes, fomos convidadas a prestigiar desenhos lindos, coloridos, criativos sobre o universo brincante das crianças. A coletânea dos desenhos em forma de revista mostra como o brincar livre se mostra fundamental na vida das crianças.

Após meses de estudos teóricos e principalmente, da prática que realizamos com os meninos e meninas da Casa Dom José Rodrigues, conseguimos compreender como aconteceu essa relação das brincadeiras antes, durante e no período de flexibilização da pandemia. Foi perceptível que o brincar, mesmo com uma pandemia em vigência, permaneceu em alguns casos, da mesma forma que antes, em específico a esses meninos e meninas da realidade aqui estudada. Parte das crianças não deixaram de brincar livremente, outras saíam escondido quando quem lhes proibiam não estavam presentes, e os demais ressignificaram seus ambientes e formas de brincar, permanecendo em suas residências nesse período.

Pensamos que a experiência vivida com os nossos meninos e meninas foi algo muito enriquecedor, tanto para nós estudantes, como para eles e elas, que foram os grandes protagonistas dessa pesquisa. Levar a importância das brincadeiras para esses sujeitos é lembrar que o brincar deve ser parte presente de nossas vidas, sejamos crianças, jovens ou adultos; brincar traz alegria, felicidade, colore a vida, oportuniza ensinamentos e aprendizados, enfim, brincar é viver! É natural e intrínseco ao ser humano. Para a vida,

levaremos essa experiência magnífica, que elevou nossa alma, que coloriu nossos dias, e que acima de tudo, tornou esse processo de pesquisa, ensino e aprendizagem, mais leve, lúdico e lindo.

6. NAS REFERÊNCIAS, NOSSAS FONTES DE BUSCAS TEÓRICAS...

AGUIAR, Eloisa. **Desenho livre infantil: leituras fenomenológicas**. Editora E-Papers Serviços Editoriais Ltda, 2004. 112p.

ALI, Fatima. *A arte de editar revistas: Um guia para jornalistas, diretores de redação, diretores de arte, editores e estudantes*. Companhia Editora Nacional, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**/ 2º ed. Philippe Ariès; tradução Dora Flaksman.- 2º ed.- Rio de Janeiro: Guanabara 1986.

BARROS, Manoel de, 1916- **Poesia completa** / Manoel de Barros.- São Paulo: Leya, 2010.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani et al. Sobre a fenomenologia. **Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: Unimep**, p. 15-22, 1994.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. *IN: KISHIMOTO, Tizuko M. (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação***. Cap. II (pp. 64-80). Cortez Editora, 2011. Edição do Kindle.

BORBOLETA, Alê Maria. As flores são como crianças. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjM5NzI2MA/#:~:text=A1%C3%AA%20Maria%20Bo%20rboleta-.As%20flores%20s%C3%A3o%20como%20as%20crian%C3%A7as.,suave%2C%20elas%20n%C3%A3o%20se%20desmancham>> Acesso em: 24/05/2022.

BRASIL, [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil** : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BROCK, Avril et al. **Brincar: aprendizagem para a vida** / Avril Brock... [et al.]; tradução: Fabiana Kanan ; Revisão técnica: Maria Carmen Silveira Barbosa.-Porto Alegre: Penso, 2011. 396 p. il. ; 25 cm.

CALDERARO, Marilene Munguba, Maria Teresa Valdés Moreno, and Carlos Antonio Bruno da Silva.. "**Jogos eletrônicos: apreensão de estratégias de aprendizagem** " *Revista Brasileira em Promoção da Saúde* 16.2 (2003): 39-48.

CALLAI, Cristiana; MAIA, Marta Nidia Varella Gomes; SERPA, Andrea. **O brincar livre em contexto de pandemia: gestos para pensar o currículo da Educação Infantil**. Debates em Educação, v. 14, p. 534-545, 2022.

CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva, RAMOS, Rosemary Lacerda. **CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DE PANDEMIA COVID-19: QUAL O LUGAR DAS INFÂNCIAS E DO DIREITO AO BRINCAR?**. Revista Humanidade e Inovação.V.8, n.68. Dez, 2021- INFANCIA(S) E SUAS BRINCADEIRAS- organizadores (José Carlos de Melo e Mônica appezato Pinazzo).

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**/Maria Aparecida Cória-Sabini; Regina Ferreira de Lucena – 6 ° ed. – Campinas-SP; Papirus, 2012.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância** / William A. Corsaro ; tradução: Lia Gabriele Reis; revisão técnica: Maria Letícia B. P. Nascimento.- Porto Alegre : Artued,2011. 384p. ;23 cm.

COSTA, Elson Ferreira, et al. **Pobreza familiar, desenvolvimento neuropsicomotor e brincadeiras de crianças de regiões insular e continental de Belém**. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 2018, 29.2: 179-186.

DIAS, Cláudia Augusto. "**Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**." *Informação & Sociedade* 10.2 (2000).

ECA-digital-PDF-https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca_digital_.pdf Acesso em 16/04/2022.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **O direito das crianças ao brincar no contexto da pandemia**. Lima, Samantha Dias de (Org.). *Notas sobre o brincar: experiências na constituição de uma brinquedoteca*. Estância Velha: Z Multi Editora, 2021. P. 116-147, 2021.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Vida e morte do brincar**. *Escola e sala de aula: mitos e ritos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FURTADO, André. **Projeto editorial para revistas**. Elaborado pelo professor André Furtado, - DEG – UFRGS, 2009. Artigo disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135242/000736504.pdf>> Acesso em: 18/05/2022.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória**. 2007.

GUTERRES,Ione da Silva, MELO, José Carlos. **“FOI UM DIA DIFERENTE, UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE [...]”: BRINCAR DE BRINCAR NA ILHA UPAON AÇU**. *Revista Humanidade e Inovação*.V.8, n.68. Dez, 2021- INFANCIA(S) E SUAS BRINCADEIRAS- organizadores (José Carlos de Melo e Mônica appezato Pinazzo).

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (organizadora) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; BRINQUEDO E BRINCADEIRA usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTA, Marli Pires dos Santos (organizadora). **BRINQUEDOTECA o lúdico em diferentes contextos**. 13 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LINS, Cláudia Maisa Antunes. **Diálogos do riso–Um campo aberto para repensar a arte e a educação**. 2020. Tese de Doutorado. 00500: Universidade de Coimbra.

MANZINI, Eduardo José. "**Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** 2004." Disponível: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em 02/06/2022.

MATURANA, H. e VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e Brincar - Fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Palas Athena Editora, (ANO, EDIÇÃO E PÁGINAS).

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, **os brinquedos e a infância contemporânea.** Psicologia & sociedade, v. 15, p. 74-87, 2003.

NEGRINE, Airton. O Lúdico no contexto da vida humana da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires. **Brinquedoteca, a criança, o adulto e o lúdico/** Santa Marli Pires dos Santos (organizadora). 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NEPOMUCENO, Gisele de Lima Melo. **Revista feminina Gloss e o design de suas capas /** Gisele de Lima Melo Nepomuceno. – 2013. 45 f.: il.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil.** 2009.

PFEIFER, Luzia Iara; SANT'ANNA, Maria Madalena Moraes. **O brincar em tempos de pandemia da covid-19: reflexões sob a perspectiva da terapia ocupacional/**Playing in Covid-19 pandemic times: reflections from the occupational therapy perspective. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 6.1: 834-844.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** Revista de saúde pública, v. 29, p. 318-325, 1995.

PONTE, Vanessa; NEVES, Fabrício. **Vírus, telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia. Simbiótica. Revista Eletrônica,** v. 7, n. 1, p. 87-106, 2020.

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil/** Denise Pozas. –I. ed. – Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2013. 116p.:21cm.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 2006, 16.34: 169-179.

REIS, Edmerson; SILVA, Daniela Santos. **PIBID Uma proposta dinamizada nos processos de formação docente contextualizada.** In : REIS, Edmerson dos Santos e SILVA, Daniela Santos. *Pibid: abrindo a caixa de Pandora da formação docente/* organização Edmerson dos Santos Reis, Edilane Carvalho Teles. 1 ed. –Curitiba, PR: CRV, 2015. 208 p.

RHODEN, Cacau. **Tarja Branca.** Youtube, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2MsCMYHGvHU>> Acesso em: 26/04/2022.

SALOMÃO, Hérica Aparecida Souza; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula Martinez. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as**

situações de ensino não direcionado. *Portal de psicologia*, 2007.

SANTOS, Santa Marli Piress dos. **A ludicidade como Ciência** / Santa Marli Pires dos Santos (organizadora). – Petropolis, RJ: Vozes, 2001.

SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza. Por onde anda a Infância do Semiárido? In: SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza. **Anotações sobre o brincar e a infância na contemporaneidade**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

TOLEDO, Luciano Augusto; DE FARIAS SHIAISHI, Guilherme. **Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso**. Revista da FAE, v. 12, n. 1, 2009.

VERÍSSIMO, Ana Carolina Brandão. **O brincar livre na educação infantil: da diversão à garantia de direito** (s). MS thesis. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.

7. ANEXOS



Departamento de Ciências Humanas – DCH III – JUAZEIRO
 Estágio Supervisionado – Docente: Antoneide Santos
 Campo: Casa Dom José Rodrigues

ROTEIRO DE CARACTERIZAÇÃO

O PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLAR

- ONGs e Movimentos sociais
 - ✓ Dimensão Filosófica
 - Histórico:
 - História da origem;
 - As mudanças que a ONG trouxe para a comunidade local;
 - O que representa para a população em geral;
 - Projeto da instituição:
 - Função social;
 - Linhas de atuação;
 - Objetivos;
 - Proposta de ações;
 - Outros aspectos relevantes;
 - ✓ Dimensão institucional / organizacional
 - Organograma da instituição;
 - Estrutura de funcionamento (recursos humanos, formação acadêmica);
 - Horários de funcionamento;
 - Relações sociais;
 - Processos de gestão;
 - Concepção de gestão;
 - Escolha dos dirigentes;
 - ✓ Dimensão Financeira
 - Processo de captação de recursos;
 - Investimentos e uso dos recursos;
 - Prestação de contas;
 - ✓ Dimensão Pedagógica
 - Como se dá o processo de elaboração e aprovação dos projetos?
 - Quais os critérios na escolha dos projetos a serem investidos?
 - Organização do trabalho pedagógico;
 - Processos de avaliação dos projetos;
 - Como ocorre as relações com os processos formais de educação?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCHIII
CURSO: PEDAGOGIA 8º PERÍODO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto de Pesquisa: Vamos Brincar?

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar como voluntário (a) deste estudo, que objetiva de forma central compreender a importância das brincadeiras para as crianças, quais as suas preferidas e como o processo de distanciamento físico social causado pela pandemia da Covid 19, afetou, ou não, a rotina do brincar das crianças.

Seu filho (a) foi escolhido (a) para participar da pesquisa pelo fato que o conteúdo que está sendo estudado foi desenvolvido para ele/ela, e nesse sentido compreendermos que o brincar é fundamental para a infância de toda criança, pois este, as tornam mais felizes além de ajudar no desenvolvimento social das mesmas. Para melhor compreensão do fenômeno pesquisado, temos a pretensão de usar as seguintes técnicas de produção dos dados: observação, registro das falas por gravação, fotos, colheita do material desenhado e escrito pelas crianças, e por fim registro em diário de bordo.

Para realização da coleta de dados será necessária sua disponibilidade de ouvirmos os áudios das falas das crianças para lembrar as experiências do campo de estágio, como também fotografar e fazer o uso dessas imagens durante os processos de produção das crianças, e recolher a produção das mesmas, para a elaboração da revista de brincadeiras. Tanto as imagens, quanto as falas e produção do material, poderão ser utilizadas na pesquisa, caso você permita.

A presente pesquisa poderá trazer como benefícios: a reflexão de como as brincadeiras são importantes nos processos de socialização e experiência das crianças, possibilitando a estas a busca em memória sobre o que mais gostam de brincar, além de possibilitar novas experiências e interações. Criança que brinca é criança feliz, e diante desse documento nos dispomos a entender como seus filhos (as) aproveitam esses momentos de diversão, que pode ser vivenciado tanto na imaginação, quanto no mundo real.

Os riscos que você correrá, caso submeta-se a permitir que sua criança participe da pesquisa, são mínimos, relacionam-se à utilização das informações fornecidas, porém todos os cuidados serão tomados. Vale ressaltar, que os nomes das crianças em momento nenhum serão citados ou utilizados no produto final, que é a revista de brincadeiras, pois utilizaremos de pseudônimos para nos referirmos ao desenho e escrita de cada criança participante. Qualquer desconforto apresentado pela criança durante as fotos mostradas ou em relação ao material dos desenhos e escritas sobre sua brincadeira preferida, as pesquisadoras responsáveis entenderão a situação, além de você ter liberdade para decidir mostrá-lo ou não nos processos de organização da pesquisa.

A participação será voluntária e gratuita, sem nenhum tipo de custo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas. As principais investigadoras são as discentes Marília Aparecida Evangelista de

Carvalho e Lívia Pricila Xavier de Souza, sob a orientação da Prof.^a Ms. Antoneide Santos Almeida Silva. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a Universidade do Estado da Bahia, localizada, Edgar Chastinet em Juazeiro-BA, através da coordenadora Antoneide Santos Almeida Silva.

É garantida sua liberdade em desistir da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. As informações obtidas serão analisadas e apresentadas através da análise do conteúdo dos participantes. Destacamos ainda o compromisso dos pesquisadores de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa e de lhe manter atualizado sobre os resultados parciais do estudo.

Caso você concorde em participar, deverá assinar as duas cópias do presente termo, para que uma esteja sob a sua guarda e a outra com a pesquisadora responsável.

Consentimento livre e esclarecido do voluntário

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo que objetiva compreender

Eu discuti com as pesquisadoras Marília Aparecida Evangelista de Carvalho e Lívia Pricila Xavier de Souza, sobre a participação de meu filho (a) nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro que a participação do meu filho (a) é isenta de despesas. Concordo voluntariamente que meu filho (a) participe desta pesquisa, permitindo que os dados coletados sejam divulgados em âmbito acadêmico com o intuito de contribuir e ampliar as discussões em torno da temática em questão. Poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

_____	_____	_____
Nome do (a) responsável pela criança	Assinatura	Data

_____	_____	_____
-------	-------	-------

_____	_____	_____
Nome das pesquisadoras principais	Assinatura	Data

Nome da criança:

Idade: